

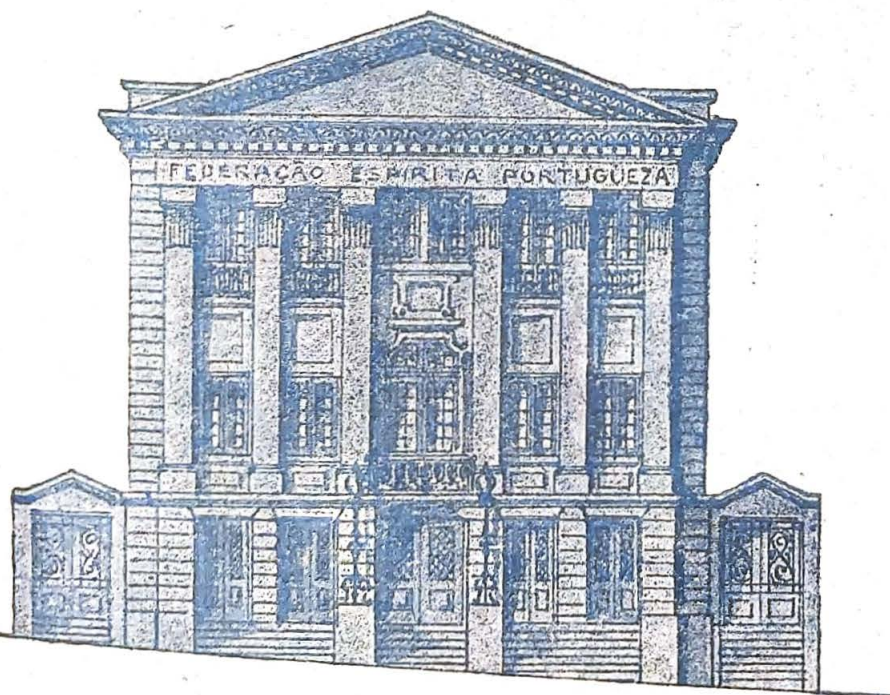
# Revista de Espiritismo

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Paleotécnica  
Metapsíquica  
Esoterismo  
Ética

Setembro-Outubro

ANO III - 1929



Projecto da fachada principal da séde própria da F. E. P.

5

**SUMARIO.** A Igreja e as Investigações Psíquicas — A. GOMES DUARTE; O Depoimento da imortalidade (EXTRACTO DE UMA CONFERÊNCIA) — ENRIQUE TAVARES; Sôbre o Problema do Mal, III — ANTÓNIO L. VILELA; O Espiritismo e a Arte: Médiuns pintores, V — PEDRO CARDIA; Inquérito, VIII — DEPOIMENTO DO SR. AGUIAR RODRIGUES; Boletim da Federação Espírita Portuguesa enviado à Federação Espírita Internacional; Crónica Estrangeira — PEDRO CARDIA; Concurso de clarividência e psicometria: Factos supranormais; Noticiário.

# Revista de Espiritismo

*Metapsíquica-Esoterismo*

*Hipnomagnetismo-Ética*

**ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA**

Editor: — *José Pereira Serra*

Administradores: { *António Castanheira de Moura*  
*Policarpo Salvador de Almeida*

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. António J. Freire — António L. Vilela.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.<sup>ra</sup> Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — D. Quintin López Gomez — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Pedro Carreira Dias de Sousa — A. A. de Freitas e Silva — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

## ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... ( > )	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

**As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente**

## DEPOSITARIOS

**LISBOA** — LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — Praça dos Restauradores, 17

**PORTO** — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

**COIMBRA** — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.<sup>DA</sup> — Rua Ferreira Borges

**ESPAÑA** — Agente geral: DON JUAN TORRAS SERRA — Avenida 11 de Novembro, 81 — Sabadell — Barcelona

**BRASIL** — Agente geral: JOSÉ TOMAZ DE LIMA — Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

MANUEL DE COSTA SOARES — Rue des Bernardins, 9 — Paris (V.<sup>e</sup>)

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Comp. e imp.  
TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

# Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

## A Igreja e as Investigações Psíquicas

Pela benemérita Sociedade de Estudos Metapsíquicos, 8, Rue Copernic, Paris, 16.º, foi últimamente editada em volume a tradução de três conferências notabilíssimas do sábio professor de teologia nas Universidades de Copenhague e Reykjavik Dr. Haraldur Nielsson, subordinadas aos seguintes e sugestivos títulos: — «As minhas Experiências Pessoais em Espiritismo Experimental» — «A Igreja e as Investigações Psíquicas» — «Da Morte».

A obra referida que é, sem dúvida, um trabalho notabilíssimo e dum interesse que se torna desnecessário encarecer por provir dum eclesiástico eminente e professor catedrático de teologia numa universidade, num país onde os diferentes ramos de instrução pública alcançaram um desenvolvimento e grau de eficiência ainda não atingidos, nem sequer igualados, em nenhum país de origem latina, veio enriquecer a já vasta bibliografia psíquica, e despertou, como é natural, tanto nos países escandinavos, como na Alemanha e agora em França, um justificado movimento de interesse e curiosidade, não só por constituir um curiosíssimo repositório do resultado de inúmeras e concludentes experiências metapsíquicas efectuadas e controladas pelo próprio autor, como ainda e principalmente por ser da autoria dum alto dignitário da Igreja Cristã — o Dr. Nielsson foi, enquanto uma doença de garganta o não obrigou a abandonar o lugar, coadjutor da Catedral de Reykjavik — que sempre se mostrou irredutível inimiga do Espiritismo (1).

A Sociedade de Estudos Psíquicos, com sede na capital da Islândia, que publica um jornal e conta hoje muitas centenas de sócios, deve-se à iniciativa deste eminente professor e teólogo, no que foi acompanhado pelo escritor Kvaran e pelo médico alienista Sveinsson.

Sendo, pois, o livro do Dr. Nielsson digno de ser lido e meditado por todos os spiritistas, não só por ser obra dum ministro da Igreja, como ainda por demonstrar que o Cristianismo não é incompatível com o Espiritismo e que «S. Paulo e o Cristianismo original acreditaram numa comunicação incessante com um mundo invisível e mais elevado», pensámos, animados pelo desejo de bem servir a Causa e de prestar um pequeno serviço aos nossos confrades de Portugal, onde uma tal obra ainda não está divulgada, em dar

(1) — Em Portugal é bem conhecida e notória a intolerante atitude dos jornais católicos contra o Espiritismo, e a, já célebre, pastoral do Arcebispo de Braga excomungando os espiritas daquela arquidiocese e a revista espírita «Luz e Caridade». A referida pastoral, documento absolutamente falho de oportunidade e espírito crítico, científico e filosófico, respondeu, em termos vibrantes e eloquentes, o Sr. Dr. António Freire, no seu opúsculo «A Pastoral do Sr. Arcebispo de Braga», onde, a par duma hermenêutica cerrada e irresponsável, se destacam verdades como esta: — «Os mais formidáveis inimigos da Igreja Romana são, precisamente, os seus representantes oficiais, que numa galopada de vaidade e de egoísmo, contrastando com os princípios orgânicos do Cristianismo, a têm precipitado no abismo do descrédito e ridículo, semeando o ateísmo».

neste lugar, uma síntese, ainda que muito resumida e imperfeita, da matéria contida na citada obra.

Que o leitor nos perdôe se a competência e o espaço não nos conferem ensanchas para mais brilhante e dilatada referência.

\* \* \*

Na primeira conferência sôbre as suas experiências pessoais em ocultismo, diz o Dr. Haraldur Nielsson que «os estudos psíquicos são, na verdade, a mais jóvem de todas as sciências»; efectivamente assim os temos de considerar, pois só de há setenta anos a esta parte, o interêsse por uma tal sciência se começou a manifestar, tendo, presentemente, atingido o seu auge em Inglaterra e em quási todo o Continente Americano, e, duma maneira geral, prendido a atenção e curiosidade de todos os espíritos cultos.

Os psicólogos teem procurado encontrar explicação para a forma como o espírito ou a consciência actuam no corpo, mas o que ainda não nos explicaram foi se a consciência liberta do corpo, ou sem êle, subsiste, e se ela sobrevive à morte e à separação do corpo <sup>(1)</sup>.

Segundo o eminente professor, a maior parte dos investigadores psíquicos começaram por ser scépticos, senão adversários fogosos do Espiritismo; mas todos os que, como a si próprio sucedeu, aprofundaram o assunto, não em algumas semanas ou em alguns meses, mas numa série de anos, acabaram todos por ficar convencidos da realidade dos fenómenos, e muitos dentre êles da possibilidade de entrar em relação com os sêres inteligentes dum mundo que nos é invisível.

A descrença manifestada pela turba, àcêrca do que constitui objecto de investigações psíquicas, é naturalíssima em virtude daquela conhecida máxima: — «Vêr e crêr como S. Tomé», e de só conhecermos perfeitamente e acreditarmos aquilo que vemos. A experiência é a melhor educadora dos homens. Podemos aprender muito em livros, mas só pela experiência e pacientes investigações conseguiremos perfeito conhecimento dum assunto. Assim, o Dr. Haraldur Nielsson levou 17 anos nas suas investigações psíquicas, e, ao cabo dêsse longo período, achava-se — e só então — habilitado a fazer, sôbre o assunto, a sua primeira conferência pública, declarando que a experiência adquirida era a única coisa que lhe dava direito a fazê-la <sup>(2)</sup>.

Para relatar — declara — todas as suas experiências pessoais no domínio psíquico, ser-lhe-ia necessário fazer uma série de conferências, tantas e tão importantes elas foram. As suas primeiras e hesitantes tentativas no campo experimental, iniciadas sem interêsse visto ser um scéptico, começaram, na capital da Islândia, no outono de 1924 e deveu a sua iniciação em tal sciência, que tão fortes emoções lhe devia trazer no futuro, ao escritor Einar H. Kvaran. A princípio e por falta dum médium com qualidades, como depois reconheu, o resultado obtido foi absolutamente nulo e desanimador, e, dois meses depois, essa circunstância levou-o a desistir <sup>(3)</sup>; mas, decorridos meses, tendo aparecido um médium que apresentava qualidades, o escritor Einar volta a insistir consigo, e o caso é que, mais feliz desta vez, logo à primeira sessão, teve ocasião de observar *qualquer coisa* que lhe causou uma grande

(1) — «Quand cette question nécessite une réponse, ils se réfugient dans le silence, au alors ils disent ce que disait un jour mon vieux professeur de psychologie, Harald Höfðing, le célèbre psychologue danois: *Nous verrons bien! Notre propre mort nous apportera la réponse*». Pág. 15.

(2) — «Il y aura bientôt 17 ans que j'ai commencé mes recherches. Et l'expérience que j'ai acquise durant ces nombreuses années, est la seule chose qui me donne le droit de vous faire cette conférence». Pág. 16.

(3) — «Je ne voulais pas assister à ces choses idiotes. J'avais presque de l'aversion contre elles». Pág. 18.

surpreza. Era uma forte prova de identidade. Dêsse dia em diante, tocado pela realidade do que observara, o teólogo, o dignitário duma Igreja intolerante e ciosa dos seus dogmas e prerrogativas, começou a interessar-se, duma maneira absorvente, pelos estudos psíquicos, e em investigações dêste género consumiu o resto da sua vida (1). O médium que tão brilhantes qualidades revelara logo à primeira sessão, chamava-se Indridi Indridason; era um rapaz muito novo, filho de camponeses islandeses que tinha vindo estabelecer-se em Reykjavik com o fim de aprender o officio de tipógrafo, e que, tendo ido de visita a sua família, em cuja habitação se realizavam as sessões, a-pesar-de scéptico e descrente, caíu em transe e foi obrigado a constatar que outra ou outras inteligências agiam fora da sua própria inteligência.

Tornaria demasiado longo êste artigo o relato de todos os fenómenos, alguns verdadeiramente assombrosos pelo seu inédito, obtidos pelo Dr. Nielsson por intermédio do médium Indridason, desde a escrita automática produzida em transe, até aos fenómenos luminosos e levitações que não se limitavam só a pequenas mesas, mas ao próprio médium que, mais duma vez, foi levantado até ao tecto da sala e uma noite, encontrando-se estendido sôbre um sofá, foi levitado com o próprio móvel em volta da mesa (2). Estes fenómenos foram sempre objecto da mais escrupulosa fiscalização, e, na sua maior parte, constatados por um *comité* de pesquisas encarregado de controlar e atestar a veracidade de tão estranhos casos, o qual fazia um processo verbal com juramento de honra.

Um dos fenómenos mais estranhos e interessantes, obtidos durante as sessões com o médium Indridason, foi a desmaterialização do braço esquerdo dêste indivíduo. O braço desapareceu inteiramente e foi impossível encontrá-lo embora a sala tivesse sido iluminada. Um tal fenómeno, aliás muito raro, embora tivesse sido observado em outros locais e posteriormente em França, onde foi comprovado pela fotografia, é constatado pelo *referido comité* de pesquisas que sôbre o assunto lavrou e assinou um processo verbal.

A propósito do fenómeno estranho relatado na nota 2 e cujos efeitos violentos alguém poderia atribuir aos demónios, ilucida o professor Nielsson que tais efeitos, conforme declaração dos espíritos com os quais estiveram em contacto, são devidos ao estado de perturbação em que se achavam as entidades actuantes e originadas em circunstâncias inerentes ao seu estado físico e mental no momento de desincarnação.

Um médico distinto e professor da Universidade de Reykjavik, a quem declara scéptico, mas cujo nome não cita, foi, durante um inverno, tão absolutamente convencido da realidade dos fenómenos presencados, que se fez

(1)—O Dr. Haraldur Nielsson faleceu em Reykjavik em 12 de Março de 1928 em consequência duma operação. A' sua desincarnação se referiu, em termos pungentes, tôda a imprensa espírita e psíquica do mundo.

(2)—A-pesar-do acanhado espaço não resistimos a relatar um dos fenómenos mais interessantes verificados pelo Dr. Nielsson, durante as sessões com o médium Indridason, tal qual no-lo refere o mesmo professor: — «Uma noite estava eu sentado com o médium por detrás da rede (obstáculo que separava, como medida de precaução, o médium dos circunstantes) ao passo que três homens sòmente assistiam à sessão do outro lado, a saber: — o médico scéptico Gutmundur Hamesson, o oculista Bjorn Olafsson e o escritor Einar H. Kvaran. Depois duma luta áspera entre duas inteligências que foram particularmente grosseiras nas suas expressões, colloquei-me com o médium sôbre os degraus que conduziã a cadeira e colloquei os meus dois braços em volta dos seus ombros, ao passo que lhe apertava as pernas entre os meus joelhos para lhe fiscalizar os movimentos. Então a cadeira, que estava pregada à parede assim como ao sobrado, foi immediatamente arrancada, partida e atirada ao chão junto à rede. Eu continuei a segurar o médium com tôda a fôrça, mas fui projectado com êle pelo ar e fomos cair muito mais longe, no chão. Eu feri desastrosamente as mãos na queda e o médium foi de tal forma apertado contra as peças arrancadas que, ao cair, uma ponta lhe penetrou profundamente na carne».

inscrever como membro da Sociedade e escreveu, no ano seguinte e num dos principais jornais, uma série de artigos sôbre as suas investigaçõs, dando a seguinte explicação:—«Ainda que em cada sessão e durante todo o inverno, procurasse descobrir a fraude ou o *truc*, confesso que não pude encontrar nem um nem outro».

Infelizmente, porém, o médium Indridi Indridason falecia, ainda muito jovem, no estio de 1912, quando as suas faculdades mediúnicas estavam já extraordinariamente desenvolvidas, o que impossibilitou o Dr. Nielsson de continuar as suas investigações que, só tempos depois, na Inglaterra, lhe foi dado prosseguir com outros médiuns e com resultados igualmente surpreendentes.

«A resistência, escreve o Dr. Nielsson, que encontram sempre as sciências psíquicas, provém principalmente da falta de conhecimentos. A maior parte dos homens são, neste domínio, completamente ignorantes, e, assim, deixam-se facilmente assustar pelos esforços da imprensa no sentido de ridicularizar tais coisas <sup>(1)</sup>. Há pouca gente que tenha ocasião de observar os fenómenos mais importantes e mais convincentes. De forma que, realmente, não é extraordinário o seu não convencimento àcerca da proveniência dêstes fenómenos, dum mundo desconhecido».

\* \* \*

Eis-nos chegados à parte que consideramos a mais importante dêste artigo, isto é, ao assunto que reputamos de maior interêsse e cuja leitura nos sugeriu a idéa de sintetizar as considerações do Dr. Haraldur Nielsson:—A Igreja e as Investigações Psíquicas. O que atrás fica dito serve simplesmente para demonstrar que o distinto professor das Universidades de Copenhague e Reykjavik tem de ser considerado, pelas suas investigações e aturados estudos no campo psíquico e pelo relêvo científico que sempre imprimiu aos seus trabalhos a par do mais escrupuloso cuidado, uma verdadeira autoridade na matéria, e que os seus relatos e ensinamentos, revestidos do cunho de sinceridade que a sua própria condição sacerdotal lhe oferece, devem merecer-nos a maior consideração e acatamento.

Na sua notabilíssima conferência sôbre a *Igreja e as investigações psíquicas*, diz o mestre que o Espiritismo, com as suas investigações no domínio do supranormal, chegou a ser, em nossos dias, um movimento poderoso, não nos países escandinavos, mas na América, na Inglaterra, na França e na Itália, e que se alguém o duvidar que se transporte à Inglaterra e ali estude as comunicações espíritas. Que tendo estado por duas vezes na Inglaterra, em 1919 e 1921, visitou muitas Igrejas e teve ocasião de assistir a serviços de espíritos, donde o ser-lhe fácil constatar que, enquanto as igrejas estavam longe de ser muito freqüentadas, as sessões espíritas eram assistidas, muitas vezes, por uma multidão compacta. E' que os homens sentem que o Espiritismo lhes traz qualquer coisa de novo, que lhes dá qualquer coisa pela qual os seus corações estavam cubiçosos. Porque a grande questão foi ontem, como hoje: «A nossa vida acaba no túmulo? Há, porventura, um país para além da morte?» E se há outra vida depois da morte como é ela, e podemos nós entrar em relação com os que já passaram pelo que significa a morte e que, por isso, lhes foi dado conhecer um pouco mais da existência?» — A' questão da imortalidade responde a Igreja católica com um «sim», mas exige

(1) — Entre nós nem toda a imprensa assim procede. Há excepções, é certo, por parte da imprensa católica, e, por isso mesmo, intolerante; mas, no geral, o Espiritismo, se bem que ainda pouco difundido em Portugal, é olhado com o respeito e acatamento que, pela lei basilar da República, são devidos a todos os credos.

que a sua resposta seja aceite com a fé. Mas à possibilidade de entrar em comunicação com os mortos responde ela com um « não ». Provas da sua ressurreição, mas antes pelo conhecimento das provas que a fundamentam. Se tivéssemos interrogado o Apóstolo S. Paulo, para saber se êle acreditava na ressurreição, ter-nos-ia certamente respondido: « *Crer* não é a palavra justa que convém a estas coisas. Eu não *creio* sòmente, mas *sei*, porque eu próprio o vi ressuscitado muitas vezes e falei com Ele. »

Foi necessário muito tempo para que os eclesiásticos se apercebessem de que o Espiritismo, digno dêste nome, tem um parentesco muito íntimo com o cristianismo primitivo. Que seja difícil aos laicos descobri-lo, compreende-se pelos seus quási nulos conhecimentos do Novo Testamento. Pois se até nas Universidades se aprende a interpretá-lo com as lentes da dogmática (!) De resto, não há o direito de esquecer que é bem possível que o ensino ortodoxo da Igreja seja, em muitos pontos, um pouco diferente daquele que Cristo prègou, nem de admitir que foi o Mestre em pessoa, e sòmente êle, que fez maravilhas e que os milagres se produziram sòmente por êle e com êle, visto que, o Novo Testamento, nos ensina qualquer coisa um pouco diferente. Cristo enviou os seus apóstolos não só para difundirem o Evangelho como para fazerem milagres. O Evangelho de S. Mateus nos ensina que Jesus lhes disse: « Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos e expulsai os demónios » (Mateus, X, 8). E o de S. João: « Em verdade, em verdade vos digo, aquele que crê em mim fará igualmente as obras que eu faço e fá-las-há maiores, porque eu vou para meu pai. » (S. João, XIV, 12). Os Actos dos Apóstolos, por seu turno, estão cheios de milagres atribuídos aos mesmos, e não há outro escrito que contenha tantas referências sòbre aquilo que certos classificam hoje, com desprêzo, de fenómenos espíritas. Se a crença nos espíritos transparece nalgum escrito, é bem neste incomparável e inestimável relato, nesta descrição da primeira comunidade cristã que nos fala de aparições, de revelações, de profecias, de curas pela fôrça espiritual, de materializações (aparecimento de anjos) e de magníficas levitações (2).

O que são hoje na América e Inglaterra as assembleias espíritas senão um serviço divino absolutamente idêntico ao dos primeiros cristãos de que nos fala o Novo Testamento? No início do Cristianismo, como no-lo diz o Apóstolo S. Paulo em muitas das suas cartas e especialmente na sua Epístola aos Coríntios, não havia prègador instruído que perorasse às assembleias revestido de qualquer indumentária simbólica; mas escutava-se atentamente o que os *profetas ou outros homens na posse de dons espirituais* tinham a dizer. E à mediunidade dessas pessoas se refere claramente S. Paulo, na sua já referida Epístola aos Coríntios, quando diz que, a um é dado pelo Espírito uma palavra sábia; a outro uma palavra de conhecimento; a outro a fé; a outro o dom das curas; a outro o de operar milagres; a outro o de profecias; a outro o discernimento dos espíritos; a outro a diversidade das línguas; a outro a interpretação das mesmas. Também então, como hoje, a me-

(1) — « A vrai dire nous aprenons a lire le Nouveau Testament, dans les Facultés de Theologie de la plupart des Universités, avec les lunettes de la dogmatique. Il etait du moins ainsi de mon temps dans les Universités de Copenhague, de Halle e de Cambridge ». Pág. 15.

(2) — Conta o Dr. Nielsson que durante os seus primeiros anos de ensino teológico, no seminário de Reykjavik, ao explicar, um dia, a aparição do anjo a S. Pedro e a sua libertação da prisão através das portas fechadas e das muralhas sólidas, acrescentou que tinham seguramente ali a narração dum acontecimento real, como se produziram iguais no século XIX, ao que um dos alunos obtemperou: « O Apóstolo S. Pedro não tem muito mérito pelo facto de ter tido tanta fé, se lhe foi dado viver um tal acontecimento. Eu teria também uma fé imensa se me fôsse dado viver eu próprio semelhante coisa ».

diunidade tomava várias formas. O próprio estado anormal designado por *transe* em que geralmente caem os médiuns também foi observado entre os primitivos cristãos <sup>(1)</sup> que acreditavam serem verdadeiros espíritos que falavam e agiam por intermédio desses indivíduos dotados de condições especiais e aos quais chamavam profetas. Entre os gregos, designavam-se por *pneumáticos*, isto é, aqueles que estão sob a influência dum Espírito ou dum Anjo. Como se vê, tais indivíduos não eram mais do que médiuns.

No texto grego da Bíblia, fala-se sempre em *espíritos* e não em *dons espirituais* como aparece, de caso pensado, na maioria das traduções, e o Dr. Nielsson que traduziu o Antigo Testamento para islandês <sup>(2)</sup> assevera categoricamente que, em muitos tradutores e revisores da Bíblia, uma tal passagem é traduzida propositadamente fora do seu verdadeiro sentido. E que os teólogos carregaram de pesadas cadeias os seus sistemas dogmáticos e os laicos não podem suportar a verdadeira tradução com receio de destruir os dogmas!... Segundo a concepção dos tempos apostólicos, os espíritos podiam também ser bons ou maus, isto é: muito desenvolvidos ou inferiores; razão porque, na Primeira Epístola de S. João, se exorta a não ter confiança em todos os espíritos — «porque muitos falsos profetas têm vindo ao mundo.» Já então se sabia, duma maneira positiva, que os falsos profetas (médiuns) estavam sob a influência dos espíritos atrasados e enganadores. A mediunidade é, pois e desde sempre, como quere Sir Artur Conan Doyle, uma faculdade sagrada, e, no futuro, tôda a humanidade virá a estar de posse dos dons que a revelam, os quais, em nossos dias, ainda são olhados, por alguns, como coisa insignificante ou mesmo desprezível. Foi incontestavelmente por intermédio duma tal faculdade que os Apóstolos puderam entrar em comunicação com o Mestre depois da morte dêste.

Seria demasiadamente fastidioso para os leitores, além de ultrapassar os limites dum simples artigo de revista, insistir mais sôbre o que escreveu o Dr. Nielsson àcêrca do Espiritismo primitivo, isto é: — assembleias dos primitivos cristãos e seu funcionamento, suas relações com os espíritos, provas que nos oferece o Novo Testamento, etc.; e, por isso, só acrescentaremos que a palavra *transe* se encontra a cada passo na Bíblia, excepto, é claro, nas traduções donde foi propositadamente expurgada, e de lá passou para a linguagem normal.

\* \* \*

Na opinião do Dr. Nielsson, cujas afirmações temos vindo seguindo, a Igreja Cristã devia estar reconhecida aos investigadores psíquicos por tudo o que êles têm feito para reabilitar a Bíblia; porque, como é de conhecimento geral, muitos teólogos modernos e não sòmente das universidades alemãs, que são as que mais têm insistido no êrro, negam muitos milagres do Novo Testamento e mormente a cura do possesso por Cristo. Ora o Espiritismo pretendeu, desde o seu aparecimento, que a concepção do Novo Testamento, pelo que respeita a actos sobrenaturais, é justa, e dois psiquistas americanos dos mais eminentes, os Drs. James H. Hyslop e Walter F. Prince, apresentaram, até, um trabalho importante para demonstrar a realidade dessa convicção. Mas, a-pesar-de tudo, os teólogos racionalistas, que são um produto da psicologia materialista da nossa época, continuam a não vêr nas narrações

(1) — «Et nous ne devons pas oublier que ces hommes inspirés, le plus souvent, se trouvaient dans un état particulier. Quelques-uns qui venaient pour les entendre, trouvèrent cet état si étrange qu'ils croyaient qu'ils étaient fous ou ivres». Pág. 60.

(2) — «J'ai quelque expérience (refere-se à tradução da Bíblia) sur ce terrain et parle de choses que je connais». Pág. 61

do Novo Testamento, sôbre milagres, senão uns restos de superstição. E continuam até a ensinar, o que é mais grave, que devemos considerar Cristo como nosso grande Mestre e Salvador de tôda a humanidade, mesmo que êle se tivesse enganado sôbre questões tão graves, mesmo que êle tivesse acreditado que afugentava os maus espíritos, quando afinal só agia pela sugestão em vontades moles e espíritos fracos. Ora a verdade é que, por estas e outras, uma tão errada concepção teológica moderna àcerca do sobrenatural, tem concorrido grandemente para a descrença em Cristo que o Novo Testamento sempre nos mostra através a sua vida de prodígios.

Lamentando o desprêzo a que nos países escandinavos são votadas as investigações psíquicas e a nenhuma importância que lhes ligam os homens da Igreja daqueles países, louva, no entanto, o grande incremento que atingiram na Inglaterra, onde um certo número de religiosos se contam entre os primeiros pioneiros do movimento espírita e alude, a propósito, a alguns nomes marcantes da Igreja inglesa, todos êles dedicando-se a investigações psíquicas e espiritistas convictos, e em especial ao deão Basil Wilberforce, falecido em 1916, que não era só simplesmente Pastor célebre da Abadia de Westminster, mas também capelão da Câmara dos Comuns e mais especialmente o orador em voga da Universidade de Oxford.

Para não correremos o risco de lhe deturpar o sentido, procurando sintetizá-lo, vamos traduzir à letra o seguinte trecho: «*Devemos reconhecer que muitas coisas novas em nossos dias se manifestaram somente pelo Espiritismo superior, e que essas coisas nos têm ajudado a compreender melhor o cristianismo e a pôr no seu verdadeiro lugar, diferentes questões que antes haviam sido incompreendidas. Como o Espiritismo e as sciências psíquicas nos têm ensinado a compreender as fôrças do pensamento! As leis da telepatia têm consequências imensas para a vida religiosa. Os pensamentos não estão certamente dispensados do imposto alfandegário. O teu carácter é essencialmente construído e formado pelos teus pensamentos. Pelos teus pensamentos exerces uma influência contínua sôbre os outros homens, sem que tu nisso reflitas. Pelo poder do teu pensamento estendes a tua influência no mundo invisível. Pela telegrafia sem fios dos pensamentos podes enviar a tua prece para todo o Universo, e podes estar seguro de que ela será captada numa das inúmeras estações ou na grande estação central. O espiritismo e as sciências psíquicas auxiliam-nos a compreender que Cristo falava duma realidade tangível quando encarecia a importância da prece. No âmago dos novos conhecimentos de telepatia compreendemos que a inspiração é uma realidade, uma lei do Universo, qualquer coisa de tão real nos nossos dias como no tempo dos Apóstolos. Eis porque não temos dificuldade nenhuma em admitir que muito do que se contém na Bíblia foi inspirado* ».

Se a Igreja tivesse a verdadeira noção da sua hora devia estar tão satisfeita como reconhecida ao Espiritismo por ter sido encontrado, por intermédio das investigações psíquicas, aquilo a que Sir Artur Conan Doyle chamou a *nova revelação*. Esta Nova precisou a nossa concepção sôbre a ressurreição e sôbre a vida depois da morte. Na verdade, quão pouco claro e indefinido êste pensamento da ressurreição do corpo no dia do juízo final! E quanto ininteligível o pensamento de que, com a morte, a nossa sorte eterna ficaria definida! A quantas pessoas êste horrível e absurdo ensinamento dos suplícios eternos do infernó há atirado para fora do grémio da Igreja! E quão aflitiva e desoladora a idéa do repouso na tumba ou da vida irreal até ao dia do julgamento! Grandes transformações, pois, teem lugar no nosso tempo até mesmo no campo religioso, e, inevitavelmente, a Igreja terá de lutar contra grandes dificuldades. Alguma coisa de antigo se deve desmoronar de maneira que o *novo* apareça instantâneamente. A transformação espiritual

que vemos desenrolar-se não é uma revolução, antes é uma reforma ou uma evolução. De resto, qualquer nova descoberta produz sempre algumas perturbações quanto mais não seja provocadas pelo espírito de rotina. Mas se se considerarem as coisas de mais perto ver-se-há que a mudança, no fundo, é a perfeição do *velho*, mas de forma alguma o seu aniquilamento. Portanto, encontrámos apenas a lei do crescimento ou do desenvolvimento. O novo é, pois, um melhoramento do velho <sup>(1)</sup>. Sucede exactamente o mesmo com as nossas concepções religiosas, com as formas da nossa crença. Devem modificar-se na mesma medida que a fé cresce e se desenvolve, tornando-se mais perfeita.

Nenhuma geração viveu acontecimentos mais consideráveis, no campo experimental psíquico, do que a nossa. As descobertas, em tal âmbito, são realmente assombrosas e concludentes, e o *medo* da morte, com a certeza numa vida futura sem suplícios eternos, dissipou-se. A influência de tal facto na vida religiosa da humanidade é bem poderosa. A Igreja corre um perigo real se os eclesiásticos permanecerem, muito tempo, encouraçados na sua ignorância e desprezo, em face destas questões. E o perigo reside precisamente no facto do grande conservantismo da Igreja e da sua hostilidade contra tudo o que é novo, auxiliarem o Espiritismo a transformar-se numa seita religiosa; se bem que, é preciso frizá-lo, o Espiritismo não tenha propriamente o carácter de religião mas sim de ciência.

Voltamos a traduzir a seguinte passagem, que reputamos importante, da obra do Dr. Nielsson, a-fim-de que o pensamento do autor seja com mais fidelidade transmitido ao leitor: — «Mas se obtivermos provas absolutamente indiscutíveis de que a nossa vida não termina com a morte, que há, pois, mais importante para nós, do que a verdade em si mesma? Se uma revelação mais nova, mais completa, da verdade, foi achada em nossos dias; se a clara luz duma ciência nova cai sôbre nós *do céu aberto* de Deus, devemos ainda deixar-nos manietar por frases dogmáticas e conhecimentos teológicos cujas decisões só foram aceites após disputas encarniçadas em Concílios?»

Era o amor da verdade que Jesus exigia dos seus discípulos; pois bem, façamo-nos arautos dessa mesma verdade, e estejamos certos de que Deus não está dum ou doutro lado do partido, isto, é nem do lado dos ortodoxos nem do lado dos liberais. — Está sempre do lado da verdade.

A terceira e última conferência do Dr. Nielsson trata da morte e pela proficiência com que o assunto é versado bem se pode classificar de notabilíssima.

\* \* \*

Como devemos todos pagar a dívida da morte, torna-se necessário vêr claro no assunto, esforçando-nos por compreender o que é propriamente a morte. Em geral, encaramos a vida e a morte como duas grandes antíteses, o que, na verdade, é um erro. Mais avisados andaríamos, e muito mais próximo

(1) — Nesta altura o autor dá-nos, para prova do que afirma, isto é, que o novo não consiste no aniquilamento do velho, mas na sua transformação para melhor, o seguinte e interessante exemplo de carácter pessoal que vamos traduzir:

«Quando eu era ainda criança, na Islândia, via muitas vezes minha mãe e minhas irmãs andarem, cá e lá, com uma luz, durante as escuras noites de inverno. E à fraca luz da candeia a óleo de peixe eu era então obrigado a cumprir os meus primeiros deveres de escola. Quando depois fui jovem estudante na Dinamarca, conheci então a luz do gaz, e mais tarde a da electricidade. Entretanto, acho que a electricidade é muito preferível a todas as luzes e espero que ela suplantará todas as outras. Portanto, se esta transformação se realizou, não constitui ela uma aniquilação da luz que brilhava na candeia, mas um melhoramento, um magnífico aperfeiçoamento». Pág. 79.

da verdade estaríamos, se considerássemos antes a morte como um elo na grande cadeia da vida; como um passo na poderosa escada da vida da evolução. Efectivamente, é natural que os homens tenham sido tão falhos de compreensão que até hoje não pudessem dizer nada de sciência certa, à cerca dêste acontecimento tão natural como comum. E' verdade que a religião nos ensina que, no momento da morte, a alma abandona o corpo e entra num mundo mais elevado. Mas, enquanto todas as religiões no-lo ensinam como ponto de fé, não nos oferecem, todavia, nenhuma prova em seu apoio, e, se não, basta vermos que, enquanto a Igreja Católica pretende obstinadamente que a ressurreição de Cristo seja um facto histórico, um facto real, e no-lo impõe como ponto de fé, não tem conhecimento ou uma sciência certa sobre a sobrevivência e o destino da alma depois da morte.

Foi devido aos dogmas da Igreja, sobre a situação particular de Cristo, que a sua ressurreição perdeu um pouco da importância que devia ter, em todas as gerações. Como se crê que Jesus ressuscitou ao terceiro dia, depois da morte do seu corpo, a maior parte das pessoas imagina que o corpo em que appareceu era o seu corpo terrestre, que de novo animou e fez sair do túmulo. E é, precisamente por isso que a Igreja não tem coragem de nos dizer que todos, desta forma ou doutra semelhante, ressuscitarão como Ele, visto que ela própria ensina que o nosso corpo se putrefaz no túmulo tornando-se em pó; mas o que se pretendeu foi garantir, com êsse facto, a absurda afirmação da reunião das almas aos corpos no dia do juizo final. Onde se encontra então a alma desde o instante em que ela abandona o corpo pela morte dêste, até ao momento em que reaparece, no dia do julgamento, no corpo ressuscitado? Ora sobre êste ponto a maior parte das concepções são o mais vagas possível. De forma que, em virtude de tão imprecisas concepções, resulta a preocupação do túmulo e o facto dos ricos consagrarem importâncias elevadas à edificação dos seus sarcófagos, movidos pela crença de que os seus parentes mortos, no dia do julgamento, ressuscitarão das urnas em que os encerram e onde, afinal, só foram depositados corpos sem alma. Ora se, a esperança na immortalidade, assentasse só na ressurreição do corpo, no dia do juizo final, bem se podia dizer que fracas eram as bases em que a fundamentávamos.

O autor confessa que, durante muitos anos, se esforçou por estudar todos os livros, que lhe foi possível encontrar, sobre o estado da Igreja durante os primeiros séculos, para o que, por mais duma vez, se transportou à Inglaterra. No decurso, porém, dos seus aturados estudos e cuidadosas investigações, uma coisa se lhe patenteou claramente: — que os primeiros cristãos consideravam a morte muito diferentemente de nós outros. As suas concepções estavam tão afastadas, neste particular, das idéas judaicas como das idéas pagãs (1). Acreditavam que o trespassado não desaparecia, no verdadeiro sentido da palavra, e que o contacto com o morto não era quebrado. A morte não era olhada com horror, mas tida como uma honra, porque acreditavam não soffrerem, a individualidade e a consciência do desaparecido, modificação no Além; e, que assim pensavam, podemos-lo verificar em muitos Padres da Igreja, onde se lê que o dia do passamento de alguém era celebrado como se fôra o dia do nascimento, porque o morto nascia para uma *nova vida*. E' por isso mesmo que um entêrro cristão, dessa época, em nada se parecia com os dos nossos dias em que imperam o luto e as lágrimas.

A idéa de que a morte foi imposta aos homens e aos animais em con-

(1) — «C'est que les premiers chrétiens considéraient la mort tout autrement que nous. Leurs conceptions étaient aussi éloignées sur ce point des idées juives que des idées païennes». Pag. 90.

seqüência do pecado dos primeiros homens — pecado original, — é demasiadamente infantil para merecer crédito em nossos dias. A morte é uma lei do Universo a que até o próprio reino vegetal se não pode eximir, e nunca a punição do pecado, consoante a velha crença judaica; porque, não tendo os animais e as plantas (se se pode dizer que os vegetais têm uma vida consciente) uma consciência muito desenvolvida, também se não pode admitir que a morte represente para êles uma reparação moral. Como todas as leis da natureza são a expressão da vontade de Deus, temos de admitir que a morte é uma lei necessária imposta pela vontade do Todo Poderoso. E é, por isso, que Cristo nos diz: — «*Se o grão de centeio não caísse na terra e não morresse, ficaria intacto; mas, quando morre, produz um fruto considerável.*» Sendo, pois, a morte uma lei, é natural que pretendamos adquirir alguns conhecimentos dessa lei. Há três caminhos diferentes, ou três métodos diversos, para estudar o, para a maioria dos homens, terrificante fenómeno, estudos todos do âmbito das investigações psíquicas:

Todos nós podemos observar estados semelhantes aos da morte, e especialmente o do sono que se designa até *pelo irmão da morte*, o sonambulismo, o transe e também a letargia. Pois bem, alguns homens, têm estado, durante horas, dias e noites, tidos como mortos, para voltar, em seguida, à vida. Muitas vezes recordam-se até, com precisão, do que viram e ouviram, durante o tempo em que o corpo esteve como morto. As conclusões a que chegaram os investigadores metapsíquicos, sôbre êste assunto, indicam que o *eu* pessoal, nêste estado, abandona o corpo terrestre. O dr. Nielsson obtve, como declara, sôbre o caso, uma comunicação precisa no decorrer de experiências que fez com médiuns; donde conclui, afoitamente, que o *eu* pessoal não está, por forma alguma, sob a dependência exclusiva do corpo; mas, ao contrário, êste *eu* tem vida própria e a morte não é mais do que uma separação. Durante a vida, quando o corpo espiritual abandona momentaneamente ou temporariamente, como nos casos de transe prolongado, o corpo material, fica ligado a êste por um cordão fluídico especial; na morte, dá-se a rutura definitiva entre os dois corpos pelo desaparecimento dêste cordão.

O outro método, a seguir, para obter esclarecimentos sôbre a morte, consiste na clarividência, propriedade a que os teósofos modernos ligam grande importância. E' por intermédio duma tal faculdade, apanágio de criaturas particularmente dotadas que a possuem como uma qualidade natural e susceptível de desenvolvimento, a ponto de, com o esforço da própria vontade, se poderem elevar a um estado tão particular, que tem sido possível observar o que se passa com os agonizantes (1). Pelas fotografias, feitas simultaneamente, se pode, da mesma forma, controlar a realidade da clarividência. O mais natural clarividente foi, até hoje, o americano Andrew Jackson Davis, que foi uma das figuras mais curiosas do século XIX. Escreveu uns trinta volumes, os quais são dum interesse superior e como que profecias do Antigo Testamento.

Por último, o terceiro método que temos para chegar ao conhecimento da morte, consiste em falar com aqueles que já passaram pelo fenómeno, e

(1) — A revista «*The Nort American Review*» publicou em 1912, no seu número de Setembro, um caso curioso de clarividência numa criança de 12 anos relatado pelo médico John D. Quackebus: O pequeno chamava-se Leon Brett e era filho dum ex-bacteriologista da Escola Médica de Boston. Logo que o rapaz era hipnotizado pelo pai podia ver através do corpo humano. Designa-se esta espécie de clarividência a vista pelo raio X. Por esta forma podia vêr os órgãos interiores com tanta nitidez como nós vemos os objectos através duma janela. Em alguns casos podia descobrir os tumores interiores, encontrar o projectil tratandose de feridas por armas de fogo, etc., etc.

que, por isso, realizaram a grande experiência. Mas êste método só o aconselha o Dr. Nielsson àqueles que tenham uma convicção raciocinada desta grande e consoladora realidade: — podemos receber comunicações do Além. E se assim fala, diz, é porque na Dinamarca (não esquecer que o original destas conferências foi escrito em língua dinamarqueza) raríssimas pessoas possuem provas irrefutáveis e têm convicção inquebrantável sôbre tais comunicações. A razão disso provém do facto de, nos países escandinavos, se ter feito do Espiritismo uma religião, em vez de se enveredar pelo caminho das investigações científicas.

E' preciso, pois, acentuar bem que a morte não é mais do que uma transição para uma forma mais elevada da existência, um acontecimento natural e necessário para o desenvolvimento do espírito, o regresso a um estágio mais belo e a uma vida mais perfeita. Se a lagarta não morresse, a borboleta desferiria ao sol as suas asas irisadas?

Quando a morte se apresenta natural deve ser olhada como um benefício, pois que não é senão uma porta a franquear para entrarmos num mundo novo, onde a vida se eleva a uma bondade superior e à plenitude do Amor, sobretudo quando tenhamos, neste mundo, uma vida digna e desinteressada. O Novo Testamento é bem claro dizendo: *«Cada um vai para o seu lugar»* (Actos dos Apóstolos, I, 25). E' claro que o *lugar* a que se refere o Novo Testamento, a propósito da morte de Judas, não é, por forma alguma, para os indignos e maus, o inferno, com cujas chamas eternas nos atormenta a imaginação e enfraquece a fé, a Igreja católica, mas um estado particular, transitório e nunca um suplício eterno, caracterizado pelas trevas, pelo desespero, pela inveja e pelo ódio que os torna infelizes e em que permacem mergulhados até que Deus se amerceie da sua desesperada situação concedendo-lhes a sua graça sob a forma que lhes fôr mais útil. Quão superior e confortante é um tal ensinamento, sobretudo se se comparar com a concepção dum célebre Padre da Igreja, Tertuliano, o qual imaginava que uma das alegrias dos venturosos, na outra vida consistia precisamente em presenciarem os tormentos e agonias dos réprobos.

Depois de tudo o que, por intermédio das investigações psíquicas e das comunicações do Além, nos é dado saber àcerca da morte, causa espanto que, a gente da Igreja, esteja ainda animada dum tal conservantismo e que não tenha posto já de parte a velha idéa judaica da existência tenebrosa da alma no Reino da Morte até ao dia do Juizo Final, colocando-se, com tão estranha atitude, em opposição aos ensinamentos do próprio Cristo que já-mais falou na ressurreição do *corpo terrestre*.

Concluindo a sua conferência sôbre a Morte, pergunta o Dr. Nielsson: — *«Um homem razoável pode hoje mostrar hostilidade contra os investigadores que tentam, para nós, como para as gerações futuras, acrescentar o âmbito dos nossos conhecimentos àcerca destas questões? Não será um progresso o ser isento do medo da morte?»*

Em *Nota Final* refere-se ainda o Dr. Nielsson à discussão que, à volta das afirmações contidas na sua segunda conferência, foi travada em Copenhague, onde, o Grande Pastor Martensen-Larsen, o acusou de arranjar um Novo Testamento para uso próprio, e cita a propósito várias passagens do mesmo para rebater a afirmação gratuita daquele chefe da Igreja dinamarqueza.

Muito a propósito e ainda para rebater as opiniões dos seus impugnadores escreve: — *«Como se sabe os demónios são no Novo Testamento a antítese dos bons espiritos. E nós sabemos, por intermédio do historiador judeu Josefo, que uma parte, pelo menos, da humanidade contemporânea de Jesus, não considerava os demónios como anjos caídos em desgraça, mas como as al-*

*mas dos homens maus mortos.* »; donde é lícito concluir que, se o historiador judeu tinha razão em dizer que a humanidade olhava os maus espíritos como sendo almas de homens maus mortos, acreditava, então, por outro lado, que os bons espíritos eram almas de homens bons mortos.

Ocupa-se em seguida de impertinentes deformações do seu pensamento por parte dos jornais, no relato das suas conferências, atribuindo-lhe frases não pronunciadas ou alterando o sentido das que pronunciou; produzindo, desta forma, a confusão no espírito dos leitores e oferecendo pedras aos seus detractores. Aos ataques dum anti-espiritista da Islândia, respondeu, a esse indivíduo, numa das suas conferências que foram reunidas em volume, — « KIRKJAN OG ODANALEI—KASAMANIRNAR ». Pelo que respeita à sua situação como membro da Igreja diz: — « *Há mais de 13 anos que estou na iminência de me retirarem a minha dignidade se isso aproovesse ao govêrno finlandez. Até aqui, porém, não me têm inquietado. Tenho pessoalmente o sentimento de que, como eclesiástico e professor num seminário, valho mais dedicando-me, como de facto me dedico, há tantos anos, às investigações psíquicas. Tenho aprendido muito nestes nove anos, que tantos são os que conto ao serviço da Sociedade Bíblica (encarregado da tradução da Bíblia), mas aprendi muito mais pela experiência durante numerosos anos.* » Aqueles que se admirarem que possa reunir estas duas espécies de ocupações, dirá que facilmente o compreenderão se atentarem em que, na Inglaterra, muitos eclesiásticos, sendo espiritistas convictos e pioneiros psiquistas como êle, nem por isso deixam de ser membros da Igreja Nacional Inglesa duma e doutra tendência.

E para terminar, não só porque êste já vai longo, como ainda para não maçarmos mais o leitor, só êste bocadinho de oiro que oferecemos à consideração do Sr. Arcebispo de Braga, autor da célebre Pastoral a que nos referimos na nossa primeira nota; palavras tanto mais para ponderar, quanto é certo virem dum eclesiástico e professor catedrático de teologia: « **E' um facto conhecido em história que são justamente os padres que têm oposto a maior resistênciã, todas as vezes que Deus quis dar à humanidade um passo em frente.** »

A. GOMES DUARTE



« *Quanto à existênciã dos Espíritos, eu nunca tive esta fatuidade de raça que decreta que a escala dos sêres termina no homem; estou persuadido de que temos, pelo menos, tantos escalões acima da nossa cabeça como abaixo dos nossos pés e creio firmemente nos Espíritos. Admitida a sua existênciã, a sua intervenção não é mais do que um pormenor; porque não poderiam êles comunicar com o homem por um meio qualquer? ... Sêres imateriais não podem fazer mover a matéria; mas quem vos diz que êles são imateriais? Podem ter um corpo bastante mais subtil do que o nosso e imperceptível à nossa vista como a luz o é ao nosso tacto ».*

AUGUSTE VACQUERIE

# O sentimento da imortalidade

## Extracto de uma conferência

Na vida material conhece-se aquela fôrça atractiva que arrasta os corpos para a terra. Na vida espiritual sabe-se dessa tendência de Céu que abre diante do homem a vida sideral da Perfeição.

A Terra, como um avarento zeloso de guardar o que lhe pertence, chama a si os corpos que caem. — Vinde, lhes diz. De mim partistes, para mim volveis: — fronte que fostes sorrisos vivos; bôcas que destilastes canções perfumadas; artérias que canalizastes a febre da vida; músculos em que estuou a fôrça; cérebros em que a sabedoria flamejou; corações em que se abrigaram o olôr suavíssimo do sentimento e a chama sacrossanta do amor! Que sois, agora? Terra, de regresso à terra! Veículos estropeados, de onde fugiu o que vivia, que se liquidam no final repouso da matéria! De mim saistes, para mim volveis!

Do mesmo modo que a terra chama a si quanto dela se desprende, assim o Céu reivindica o que dela irradia: — luz de olhos que se cerram, reflexos de pensamentos que se extinguem, essências de vidas que gelam, consciências, vontades, energias, raios de vida frementes no espaço das vibrações misteriosas, libertam-se e se lançam na eterna peregrinação do infinito, animando novos sêres, cumprindo novos destinos, sempre numa viagem de aperfeiçoamento, mais elevados hoje que ontem, menos imperfeitos amanhã que hoje, ascendendo num contínuo alijar de erros, numa sucessiva expiação de culpas, num ininterrompido ajustar de contas, justificando, em cada passo, em cada elo, em cada vida, sempre na ordem da Harmonia Eterna, a bondade, a justiça e a onnipotência de Deus. O lutador, quando cai, os elementos que o compõem dissociam-se. Cada energia libertada regressa às suas fontes de origem. A matéria desce e se consubstancia na matéria; o Espírito sobe e se identifica com Deus.

Do corpo de Camões, o maior entre os grandes lusíadas; do peito mortal em que pulsou tão extraordinário coração, do cérebro poderoso em que chamejou o génio; da mão resplandecente que empunhou a pena, assombrosa domadora do pensamento; mais se não soube sôbre a face da Terra. Para o rebuscar, hoje, entre os escombros da vida física, teriam, lábios trémulos da Pátria, amantíssima, de uivar, como Hécuba, pelos silêncios gelados da Dôr, colando a bôca às leivas húmidas para evocar o fogo do génio perdido na argila fria. Mas o espírito de Camões, êsse incêndio que a Fama remoinhou e dispersou em scintilas de glória pelo Azul da História, quem o não vê, ainda, nimbando de glória um povo com mil anos de existência? E quem o não sente, latejando na alma da Raça, feito dever de honra, sagrado direito de vida, vinculado nesse sentimento imorredouro ao qual as Pátrias costumam hipotecar a sua própria existência moral, lâmpada sagrada onde não morre a luz, porque nela o nosso sangue e as nossas lágrimas jãmais deixarão de arder?

O corpo de Camões já não existe. Quem o pode vêr? Mas o espírito de Camões perdura. Qual o não sente? Se está em todo o peito onde arde um coração português, porque não estará aqui? Quem o pode negar? Não é êle a mais solene afirmação da nossa vitalidade? Não preside aos nossos

sonhos de grandeza nacional? Não orienta os anseios da nossa honra cívica? Não nos salva no estuar das paixões? Não nos congrraça, finalmente, dentro da bruma agitada das ambições e dos erros, naquela suprema união de vontades que é a mais nobre e a mais legítima expressão da solidariedade racial? Quando scismas históricos ameaçam o nosso futuro, não é êle que nos chama e reúne em volta do dever? Não é êle que realiza, entre nós, a reorganizadora disciplina, em face da Pátria em perigo? Se é factó que Camões desapareceu, isto que dêle, na alma Nacional, sobrevive, o que será? Que é esta adoração pela Pátria que êle cantou? Que é esta angústia diante dos sofrimentos do presente, e das incertezas do futuro?

O sentimento da immortalidade, afirmado pela perfeita cultura moral, rompe, desenvolve-se, alteia-se, e, quando adquire a fôrça de uma fé, cria e funda religiões, raios que ligam a Criação ao Criador. Então, desenham-se na História perfis imortais: Moisés, Buda, Cristo, Mahomet.

Religiões são rajadas de fé que arrebatam o sentimento da immortalidade no caminho da Verdade, — poderia eu dizer, no caminho do Céu, na via láctea da Consciência Imperecível. Nasceram com a luz, e com a luz percorrem a eternidade. Ainda as mais rudimentarmente esquisadas nas suas linhas filosóficas, têm uma base espiritual. Elevam-se, ramificam-se. Têm, nos ritos, o seu esqueleto; têm, na ânsia de immortalidade, o seu esplendor espiritual.

Foi do espiritualismo de todas as religiões que se formou a síntese deslumbrante que é o Espiritismo, o ponto de culminância harmónico, perfeito, todo paz, todo amor, dos raios convergentes da fé religiosa, desde o tronco multiseccular dos mistérios druícos, até as ramificações neo-cristãs da actualidade. Mais ou menos, todas as religiões concorrem com o que têm de mais belo, de mais luminoso, para a realização dessa grande Verdade básica, amorosa, consoladora, que é a Verdade Espírita.

Em algumas religiões, é o medo das penas eternas que detém o homem diante do Mal; no Espiritismo, é o receio de fazer sofrer o próximo que envereda o homem pelo trilho da bondade. Amar os que me desamam; perdoar os que me ferem; jámais julgar os que me julgam! Onde mais perfeitas regras de moral? Onde mais sublime teor de vida? Onde mais elevada acção, que esta de eu beijar a garra que me dilacera, de eu perdoar ao louco que me apedreja, de eu embalar, talvez àmanhã, nos meus braços, o inimigo que hoje me apunhala pelas costas? Onde glória mais excelente que esta de vencer pela bondade, pela doçura, por uma compassiva suavidade de gestos, de palavras, de acção?

Quando deixará a eufórbia da Vingança de erguer seu caule espinhoso no remanso da vida humana? Quando compreenderá o homem que a retribuição de um golpe o nivela, no Crime, com quem lho vibrou? Terei eu de correr atrás dos cães que dilaceram a minha carne, para os morder? Porque não perdoarei aos ignorantes que me ferem? Porque não pedirei a Deus pelos cubiçosos desenfreados que me despiram e me abandonaram na mais tenebrosa encruzilhada da minha vida? Se eu os odiar, não ficarei no mesmo nível em que êles se debatem?

Amar, amar sempre! Perdoar, perdoar sempre! Eis a vida! Eis o dever!

Ainda que a toxina do materialismo se instile na vida moral do homem, até absorver-lhe as actividades conscientes; até perturbar-lhe a visão das verdades eternas; ainda que isso se dê, que razão justifica êsse tenebroso erro de crer que a Consciência é mortal? Porque, em suma, se é factó que Ela, a Consciência, hiberna, às vezes, no fundo tenebroso do Sêr, não é menos certo que o Amor, que é uma Primavera plena de taumaturgia, costuma beijá-la e despertá-la numa ressurreição.

Se o ente obcecado — diria eu melhor, obsecionado — não ama nem sofre; se o seu peito é um céu de Sahara em que jãmais perpassou a carícia de uma nuvem; então, que fôrça poderá romper as concreções de scepticismo em que se encarcera o infeliz? Neste passo, incapaz de compreender a sua origem e o seu destino, o homem atravessa um periodo de larva humana, indiferente, hostil, agarrado à terra, divorciado de todo o ideal, sem jãmais molhar os lábios no dulçôr do sofrimento, sem jãmais erguer os olhos para a infinita serenidade povoada de Deus!

A irreligião esborcina os perfis mais formosos da Criação. Ver-se-há, porém, que aquele que não crê, debalde se debate para obliterar, na própria frente torturada de dúvidas, o vinco indelével da imortalidade.

Tem-se visto, no desenrolar tremendo das tragédias humanas, as Civilizações romperem, levantarem-se, atingirem zenites de paz e de brilho, e, depois, de repente, desaparecem nos abismos da História. Assim, porventura, a lendária Atlântida submersa no fundo do Oceano. Assim as primitivas civilizações americanas, despedaçadas nas irupções sanguinosas de Pizarro e seus companheiros, e nas não menos funestas convulsões dos Andes acesos nas cóleras formidáveis dos seus vulcões. Assim a civilização faraônica mumificada sob o rescaldo das areias; assim as orientais, algumas já amortalhadas debaixo dos escombros das idades remotas — todas nasceram, brilharam e desapareceram.

Quem, entretanto, não vê que o estrebuchamento final das Civilizações lancinadas de desesperos impotentes e do horror do vácuo da beira-morte, tem sempre coincidido com as grandes crises históricas do abandono da fé, precursoras da morte, quando as raças se subvertem no materialismo?

Inoculai a morte no tronco de uma árvore, e vereis dela se desprenderem as fôlhas, e nela amarelecerem os sorrisos perfumados da floração, e a vida palpitante dos ninhos.

Fazei que o ateísmo se apodere de uma organização, e dela vereis ausentarem-se as fôrças da fé, da esperança e da caridade, seguidas de tôda a resplandescente constelação dos seus sonhos e dos seus sorrisos. Quando o materialismo se infiltra numa Civilização, ela terá entrado na agonia. Quando Robespierre desenhou o gesto de se fazer adorar sôbre um altar, a França esteve à beira da morte. Tomou-a a vertigem do êrro. E ter-se-ia precipitado se lhe não acode a alta cirurgia das vitórias napoleónicas.

As mais poderosas organizações sociais, quando alijam a fé em Deus, quando se esquecem da sua origem divina, quando perdem o rumo do futuro, palmilham o caminho da morte. A própria ânsia de se elevarem determina-lhes as quedas mortais. Às vezes é o orgulho que arrebatava os homens às cristas geladas da loucura; outras, é a vaidade que os lança a arrastarem a clâmide de Pericles pela vasa das liquidações miseráveis. Então, de espírito se reduz o homem a excrescência radiária; de vontade orientada, a impulso cego; de asas de águia, a membranas de morcego; de raio despreendido de Deus, a pólipó que o lodo fermenta.

As excelências de todas as religiões, de há milhares de anos que balbuciaram o hino da Verdade Espiritual. Hoje, êsse canto milenário enche o infinito das almas eleitas.

Eu não sou os meus músculos, nem sou as minhas vísceras: — eu sou o amor que me dá asas; sou o pensamento que me ilumina; sou a dôr que me salva; sou o sentimento do dever que me fortalece na felicidade de sofrer e de perdoar.

Há homens que só vivem materialmente. Fora dêsse escafandro de carne e de sangue, asfixiam. Elevá-los às zonas do espírito, é como que tirar

um peixe da água. Outros, porém, vivem espiritualmente. Vivem até depois de mortos. E vivem porque crêem e amam.

Há, entretanto, deveres que nos apegam à vida material, na convicção de que é preciso dar à matéria o que é necessário ao equilíbrio da matéria. Mas, mesmo assim, a vida terrena oferece margens claras sobre as quais podemos registrar o cumprimento rigoroso dos mais elevados deveres espirituais. Olhemos por uma, em serviço doutra. Porque é necessário viver; porque é urgente não ferir o equilíbrio da Criação, não quebrar a taça, antes de esgotada, porque a vida amarga. Já que a vida se não encerra no que vêem os olhos; no que ouvem os ouvidos; no que enxerga a ciência da matéria; já que reduzir a vida ao seu aspecto físico, é, pelo menos, um êrro em que nem os selvagens caem.

As provas da vida espiritual multiplicam-se, sucedem-se, cada dia mais vivas, mais positivas, melhor baseadas na ciência. Ontem, praticavam-se no sombrio recesso das florestas druídicas, ou na meia luz dos conciliábulos de magia; hoje, evidenciam-se nos mais consagrados templos da ciência; e sua portentosa verdade convence, assombra e arrebatada para a Verdade as mais poderosas mentalidades humanas. De princípio lobrigada apenas através de prejuízos infantis, a verdade espírita está hoje definitivamente oferecida, em pleno sol, aos olhos da razão mais esclarecida e do saber mais açacalado.

Quem morreria sorrindo, se, dos humbrais da vida não se visionasse a paz da vida eterna? Qual não viu, ainda, do crepúsculo enfumaçado da Terra, as resplandescências espirituais do Céu? Onde está o cérebro que ainda, em sonhos, não se encheu de Céu? Quando registou, a História, a existência de um povo que não sonhasse com a eternidade e a não cultuasse?

Sócrates, empunhando a taça da cicuta, olha para o infinito e sorri. Cristo, na cruz, convida o companheiro de suplício para casa do Pai. Mas, além de Sócrates e de Cristo, de Flammarion e de Curie, de Oliver Logde e de William Crookes, aparece quem de mais alto fale: os que habitam os ápices da ciência material, os espíritos fortes que possuem pupilas que apodrecem e trazem dedos de S. Tomé.

Eu, de mim, nada sei: creio, apenas. Não me julgo com direito a mais. Amo a Verdade. Verdade facta: não verdade sombra. Quebrei o braço com que lutava; desmembrei o punho com que agredia; fechei a bôca com que motejava. Agora, só me resta o braço com que amparo; a mão com que abençôo; a bôca com que canto. Operou-se o milagre. Transfigurei-me no amor e no perdão. E, vós que me ouvís, se amanhã tiverdes uma fé como esta que me anima, provareis o dólcido desta paz em que vivo, — enquanto uma tempestade de egoismos ferozes rebrame à roda de mim: homens com esgares de feras erguendo-se em violentas negativas à dignidade humana, no desenfreado canibalismo que as paixões desencadeiam no algar da vida física. E possuireis, então, a Felicidade Perfeita, que não é a felicidade de ser amado — uma vanglória; mas a felicidade de amar — um sacrifício.

EUGÉNIO TAVARES

*Sim, envelhecer é triste se pretendermos impedir que os anos corram, que os cabelos embranqueçam, que os olhos se embaciem, que as rugas se cavem. Se, porém, de todas estas modificações a que a vida nos submete, colhemos um pouco de sabedoria, de aproveitamento, de bondade, envelhecer é libertármo-nos, é engrandecermos-nos, é iluminarmos-nos.*

C. WAGNER

# Sôbre o Problema do Mal

## III

Por mais embotada que o homem tenha a sensibilidade moral, decerto não pode ficar indiferente ante as misérias e injustiças que a vida apresenta a cada passo. A enorme legião dos deserdados arrasta-se pelo mundo dolorosamente. Em tôda a parte os mendigos ostentam os seus andrajos: — faces amarelecidas pela fome e pela febre e olhos dum brilho mortiço, que a aridez da vida secou de lágrimas! Há uns que exibem horrorosos aleijões que os impossibilitam de trabalhar; outros, chagas gangrenadas que jãmais cicatrizam. E entre êles quantas crianças condenadas desde o berço a uma vida de miséria e de martírio!

Depois, além das dôres físicas, quanto sofrimento moral deixa no rosto gravada a sua história em rugas fundas! Quanta esperança fanada, quanto sonho desfeito, quanta ilusão perdida! Enquanto os aventureiros sem escrúpulos e os perversos triunfam a golpes de audácia, os homens dignos encontram, no seu caminho, obstáculos formidáveis, sacrifícios pesados, rudes provas, calúnias e perseguições. Sócrates é acusado de perverter a mocidade e condenado a beber a cicuta; Cristo é crucificado como um ímpio; Giordano Bruno, queimado vivo como herético. As paixões humanas são como as ondas: sempre revoltas, sempre espumantes. No mundo é muito caro o preço da virtude.

Há um desequilíbrio brutal entre as aspirações mais altas do nosso espírito e os factos que se apresentam à nossa apreciação superficial.

Nos recessos mais íntimos do nosso sêr há sentimentos de justiça e de fraternidade, e a vida parece tão cruel que pretende destruir estes sentimentos sublimes, revelando a desigualdade desde o nascimento e fazendo da existência uma luta sem tréguas de egoísmos insaciáveis. Le Dantec traduziu esta idéa dolorosa num aforismo célebre: — « existir é lutar; viver é vencer ». (La Lutte Universelle).

Tendo sido desigualmente providos desde o nascimento, é desigual a luta que vamos travar e portanto interessa-nos, primeiro que tudo, saber qual a razão determinante da diversidade de condições em que nos encontramos. O processo segundo o qual se produz a variedade é já uma questão secundária. Enquanto as leis físicas apenas se aplicam ao mundo físico, as leis morais, aplicando-se particularmente ao mundo moral, governam também o mundo físico. E' porisso que só a determinação das leis morais, que condicionam a existência, pode resolver integralmente os problemas fundamentais do pensamento.

Os teólogos costumam distinguir o mal físico e o mal moral, mas essa distinção parece-nos inconveniente porque, no fundo, é sempre o mal moral que se manifesta, mesmo quando, reportando-nos quási exclusivamente às sensações, lhe atribuímos carácter físico. Quanto a nós, um mal físico só existe na medida do mal moral que êle encerra. E não nos parece difícil sustentar esta tese, quer se considere o mal físico como uma objectivação do mal moral, quer como um meio de expiação. O valor subjectivo do mal físico ressalta nitidamente da estranha volúpia com que os grandes mártires suportam os sofrimentos mais atrozes. Além disso, em certos casos, basta uma sugestão adequada para destruir o mal físico. Os resultados maravilhosos que a psicoterapia tem obtido, são bastante elucidativos a êste respeito.

Leibniz considera ainda o mal metafísico (1), mas êste não difere também, essencialmente, do mal moral. Os panteístas identificando Deus com a Natureza, o Absoluto com o Grande Todo, negam, duma maneira implícita, a existência do mal. Por outro lado, os materialistas, guiados pelas aparências falazes, encarando o problema superficialmente, atribuem o mal a uma fatalidade cega e inexorável. A mitologia grega e latina colocava o Destino acima dos homens e dos deuses. E' assim que Homero (Ilíada, liv. XXII) nos apresenta Zeus tentando salvar Heitor, mas não conseguindo impedir que êle seja morto por Aquiles. Nem mesmo o próprio filho, Sarpédon, Zeus consegue subtrair às imposições formidáveis do Destino. O povo hebreu, inclinado ao fatalismo, reconheceu também a soberania dessa divindade onnipotente.

A idéa de Destino exprime com clareza a necessidade que decorre do princípio de causalidade, mas não contém uma razão suficiente e não pode, portanto, resolver o problema do mal. O êrro fundamental dos fatalistas está em considerarem como suficientes todas as razões necessárias. O próprio Leibniz para iludir as dificuldades do problema, partindo dos atributos de Deus, pretende explicar a existência do mal por uma necessidade metafísica. Enquanto as razões necessárias têm um valor analítico, a razão suficiente tem um valor sintético. Porisso é sempre mais fácil descobrir razões necessárias do que uma razão suficiente.

\* \* \*

As dificuldades insuperáveis, que se encontram quando se pretende determinar a origem do mal, provêm, apenas, de se atribuir à sua existência um valor absoluto. Dada, porém, a impossibilidade de conciliar a existência do mal com os atributos divinos, o homem, desde as épocas mais remotas, atribuiu a sua origem a uma potência maléfica que ludibriou os desígnios de Deus. Sôbre êste dualismo se apoia a teologia de Zoroastro que Manés, filósofo árabe, reproduziu e bastante influência exerceu no ocidente através dos maniqueístas. A doutrina da *queda original* que constitui um dos dogmas do catolicismo é, no fundo, uma simples variação sôbre o mesmo tema. De resto, já em Zoroastro a luta entre Ormuzd e Arimane nasce da queda dêste e termina com a sua redenção.

Para o budismo é o desejo a origem do mal, e, portanto, o objectivo supremo da vida consiste na extinção do desejo, na plena renúncia, que abre de par em par as portas do Nirvana. Schopenhauer, inspirado no budismo, viu o mal na própria vontade e como considera esta a essência do Universo, o mal é universal também. Daí êle infere a necessidade de destruir a vontade. Os meios que preconiza para extinguir o mal são o ascetismo e a castidade porque só secando as nascentes da vida se pode eliminar o sofrimento. O suicídio não destroi a vontade: é a vontade que destroi a vida, não porque a despreze, mas apenas porque não quer suportar a dôr. E essa vontade que não se desprendeu absolutamente da vida, que não se aniquilou, continua a existir sob ou'ra forma. Porisso é preciso levar o desprendimento de tudo e a renúncia tão longe quanto pudermos. Assim Schopenhauer atinge o ideal budista embora usando uma lógica diferente.

Nietzsche partindo dum ponto de vista idêntico ao de Schopenhauer segue, todavia, em sentido oposto. A felicidade não está no aniquilamento

(1)— Eis como Leibniz concebe os três males: O *mal metafísico* é o próprio factio dos seres não serem perfeitos; o *mal físico* é o sofrimento que Deus permite como condição do bem, sem que, todavia, o deseje; o *mal moral* é o pecado, que Deus também permite para que os homens sejam susceptíveis de mérito e de demérito.

da vontade, mas sim na satisfação de todos os seus caprichos. A felicidade da água está em correr para o mar. O nosso objectivo é, pois, seguir a nossa vontade onde quer que possa conduzir-nos a sua avidez de acção. E' ao sofrimento? Que importa? Aprendamos a saborear a volúpia da dôr. A sabedoria consiste em descobrir a felicidade em todas as coisas; e o próprio sofrimento não é isento de ventura. Dêste modo a origem do mal é, para Nietzsche, a fraqueza que impede a vontade de vencer os obstáculos que se lhe opõem; e o supremo ideal consiste em alargar cada vez mais o campo de liberdade pelo desenvolvimento da vontade e extensão do seu poderio. E' a filosofia da violência.

A doutrina do *pecado original* para justificar a origem do mal só poderia ter valor se se admitisse a preexistência do indivíduo. O mal seria, dêste modo, uma justa expiação de pecados anteriores ao nascimento. E' assim que podem compreender-se as palavras de Jesus ao paralítico de Cafarnaum: — « Filho, tem confiança, *perdoados te são teus pecados* ». (Mat., IX, 3). Mais elucidativa ainda é a pergunta que os discípulos de Jesus lhe fazem em presença do cego de nascença: — « Mestre, *que pecado fez êste*, ou fizeram seus pais, *para nascer cego?* » (João, IX, 2). Era êste também o pensamento de Orígenes (Des Principii), de Clemente de Alexandria (Stromates, liv. III, cap. 3), de Santo Agostinho (De Civitate Dei, liv., XI, 23), de Vani- ni <sup>(1)</sup> (De Admirandis Naturæ Arcanis). Cícero (Fragmenta de philosophia) refere que na iniciação dos mistérios se ensinava que o nascimento tinha por fim a expiação dos pecados praticados anteriormente.

Os concílios de Calcedónia e o 5.º de Constantinopla, repudiando a preexistência da alma, destruíram a possibilidade do pecado original. Apesar-disso, os teólogos católicos pretendem que o peccado original foi praticado por Adão, mas que se infiltrou no sangue e transmitiu a tôda a sua descendência imprimindo em nós o seu estigma cruel. Assim, o problema mantinha-se no mesmo pé: ao Criador cabia a responsabilidade inteira do mal que nos tortura. E o facto de nos fazer compartilhar da expiação dum peccado alheio seria a suprema ignomínia.

Epicuro formula o problema do mal nos seguintes termos: « Ou Deus quer tirar o mal dêste mundo e não o pode; ou pode e não quer; ou não pode nem quer; ou, finalmente, quer e pode. Se êle quer e não pode revela impotência, o que é contrário à natureza de Deus; se o pode fazer e não quer revela maldade e isso não é menos contrário à sua natureza; se êle não quer nem pode fazê-lo, revela ao mesmo tempo maldade e impotência; se o quer e pode (único partido que convém a Deus) donde vem pois o mal sôbre a Terra? » (Lactâncio — *De la Colère de Dieu*, cap., XIII). Lactâncio pensa destruir estes argumentos respondendo que Deus quer o mal, mas que nos deu a sabedoria precisa para adquirirmos o bem. Todavia é evidente a fragilidade desta objecção. Alguns teólogos concedem ao mal físico um valor relativo — um meio de se conseguir o Céu libertando-se do peccado, — mas atribuem ao mal moral um valor absoluto considerando-o como objecto de *tolerância* por parte de Deus. Eles apresentam a permissão do peccado como uma demonstração da grandeza e independência de Deus que não se subordina aos interesses das criaturas, mas os argumentos de Epicuro continuam prevalecendo.

(Continua)

ANTÓNIO L. VILELA

(1) « Tot, tantisque homo repletus miseriis, ut si christianæ religioni non repugnaret: dicere audeam, si dæmones dantur, ipsi, in hominum corpora transmigrantes, sceleris pœnas luunt. (De Adm. Nat. Arc., dial. L).

# O Espiritismo e a Arte

## MÉDIUNS PINTORES

### V — Guilhermina Assmann

M.<sup>me</sup> Guilhermina Assmann é mais um médium pintor cujas faculdades merecem ser postas em relêvo. Filha de um modesto operário mineiro, esta senhora, sem qualquer preparação técnica e ignorando mesmo os mais rudimentares preceitos de arte, executa quadros muito interessantes, em condições que parecem demonstrar incontestavelmente a influência directriz de entidades espirituais, visto que a sua bagagem artística não lhe permitiria concluir trabalhos que exigem os conhecimentos revelados. Bem sabemos que podem imputar-se, e em alguns casos com muita razão, a conhecimentos adquiridos



*M.<sup>me</sup> Guilhermina Assmann*

anteriormente e arquivados na memória integral subconsciente, certas manifestações que normalmente se não produzem, mas que em alguns momentos de exaltação psíquica, por um fenómeno de criptomnésia, irrompem abruptamente em circunstâncias imprevistas. Essas manifestações, porém, não são acompanhadas de provas de entidade e de independência consciente das entidades espirituais que se dizem as inspiradoras dos trabalhos executados, como acontece em todos os casos a que nos temos referido.

E' de bom conselho, na análise dos fenómenos supranormais, não atribuir indistintamente a influências espirituais extrínsecas ao médium, todas as manifestações, a que êle dê lugar. Confessamo-lo com grande pesar: a maior parte das pessoas, que se dedicam ao estudo dos fenómenos psíquicos, pecam por excessiva credulidade, aceitando como manifestações espíritas aquilo que não passa de personificações subconscientes do médium. Contra êste êrro não se cança de precaver os incautos o mais culto e experiente dos espíritas: o grande Ernesto Bozzano.

Eis o que êle nos diz nas conclusões do seu admirável trabalho « Crise da Morte nos defuntos que se comunicam », a propósito dos esclarecimentos fornecidos pelos médiuns sôbre a existência no mundo espiritual e dum modo geral sôbre todas as revelações transcendentais, considerações estas que são aplicáveis à apreciação de todos os fenómenos psíquicos pseudo-espíritos: « Antes de reunir numa classificação científica o apanhado das revelações, é preciso examinar diligentemente, severamente, o seu conteúdo, submetendo-as ao sistema da análise comparada e da convergência das provas. Como já o tenho dito, entre as provas que contribuem para assinalar a sua origem estranha ao médium, é necessário registrar os episódios de identificação pessoal do defunto que se comunica, e, sobretudo, os indícios da veracidade, dos quais nos podemos certificar e que se encontram muitas vezes intercalados nas descrições da existência espiritual, indícios que são excepcionalmente eloqüentes neste sentido. Sabemos todos pela experiência como é indispensável um trabalho preliminar de selecção em matéria de revelações transcendentais, pois que no curso de sessões particulares sucede muitas vezes encontrarem-se pseudo-mediumidades que mimoseiam os assistentes com descrições desta espécie, prolixas, palavrosas e vãs, cuja origem subconsciente não pode dar lugar à mais pequena dúvida e nas quais as contradições abundam, não só entre as afirmações dos diferentes pseudo-médiuns, como também entre as afirmações feitas pelo mesmo passivo. Numerosas experiências feitas sem nenhum critério, nem preparação científica alguma, espalham o descrédito sôbre o conjunto das « revelações transcendentais ». Não é isto de admirar se considerarmos que, mesmo os investigadores profundamente versados na metapsíquica — que deveriam saber fazer distinções a êste respeito — persistem em apoiar-se nestes produtos inconsistentes de actividade subconsciente para votar em massa ao ostracismo, as revelações autenticamente transcendentais. Estes, principalmente, não deveriam cair em confusões desta natureza.

Ninguém ousará negar a existência duma actividade subconsciente que se manifesta ao lado e por meio da psicografia; ninguém pretenderá negar que a grande maioria das mensagens obtidas nas reuniões familiares, com o auxílio de pseudo-mediumidades de natureza sonambúlica, pertencem a esta categoria; ninguém contestará que êste amontoado de locubrações profusas e vãs se contradizem mutuamente. Nem podia ser de outro modo, pois que se trata de locubrações subconscientes de natureza homérica; e o senso comum deveria bastar para as distinguir das mensagens autenticamente supranormais. Com efeito há um abismo entre umas e outras ».

Perfilhando por completo as opiniões do mestre, julgamos que é indispensável, como algures dissémos, para tentar as investigações psíquicas, um senso crítico investigador e científico, a-fim-de que não caiam no ridiculo manifestações que observadas e estudadas convenientemente contribuirão poderosamente para a elevação moral da humanidade. Não é que seja defensável uma desconfiança ostensiva perante mensagens cuja origem espiritual é duvidosa; essa dúvida pode existir, e, todavia, estamos enganados, constituindo essas pseudo-comunicações, autênticas manifestações espíritas. A atitude que corresse perante os fenómenos psíquicos, não só para não ofender o médium, como para não contrariar os verdadeiros fenómenos, e a de aparente conformação com a prosopopese realizada pelo médium, só a classificando, porém, de espírita, quando a forma que revestir preencha as condições necessárias para poder ser assim considerada.

As considerações genéricas, que precedem, aplicam-se também à mediumidade artística. Já a propósito do prof. Luigi Belloti admitiriamos a possi-

bilidade duma actuação subconsciente se não houvesse fenómenos espíritas incontestáveis, acompanhando as suas produções mediúnicas.

As faculdades artísticas de M.<sup>me</sup> Guilhermina Assmann nasceram depois de se ter revelado médium psicográfico com provas indiscutíveis da comunicação dos desincarnados. Tendo perdido seu único filho e uma irmã estremecida, começou a estudar o espiritismo, encontrando nas suas doutrinas lenitivo à sua dôr.

Foi sob a inspiração dos seus guias, Albert e Hellize, que M.<sup>me</sup> Assmann

começou a desenhar e executou todos os seus quadros mediúnicos, alguns dos quais mereceram nas exposições levadas a efeito em Berlim, Bruxelas, Anvers e Liège, os mais rasgados elogios de críticos e visitantes.

Este médium que tem o dom de clarividência e, ao mesmo tempo, uma maravilhosa intuição, vê uma luz azulada sobre as suas mãos quando os espíritos inspiradores actuam sobre ela, guiando os seus trabalhos, e sente quando êles se substituem, ouvindo muitas vezes uma voz segredar-lhe ao ouvido o lápis ou a tinta de que deve servir-se.

A maior parte dos seus trabalhos é realizado em transe, mais ou menos profundo conforme a sua importância. Sucede-lhe como a Gruzeroski em que também se distinguem graus diversos de adormecimento. Os seus trances, porém, são mais prolongados,

registrando-se alguns, raros, de 25, 30 e mesmo 50 horas. Durante êste estado não toma alimento algum, ficando insensível ao frio e ao calor e após êle, manifesta um grande cansaço com fortes arrepios, despertando com certa dificuldade, como quem vem de longe, sucedendo, por vezes, ter uma grande crise de lágrimas, depois da qual volta inteiramente ao seu estado normal.

As suas produções são de várias espécies, predominando, no entanto, os desenhos geométricos ornamentais, com motivos variados que não per-



*Uma planta extravagante de outro planeta – Pastel mediúnico de M.<sup>me</sup> Assmann*

tencem a uma escola definida, mas que lembram ornamentos árabes e por vezes indianos ou assírios, bem como representações estravagantes de plantas e flores exóticas e estranhas, por vezes incompreensíveis. Nota-se, porém, uma grande harmonia no colorido, sendo curioso como M.<sup>me</sup> Assmann, com a mão agitada e febril, procura entre os tubos de tintas e os lápis de côres, os tons apropriados ao trabalho que executa.

As suas produções em execução teem sido observadas por várias pessoas que notam a passividade absoluta do médium. Ele próprio se declara em estado de completa inconsciência.

Os trabalhos de M.<sup>me</sup> Assmann foram há pouco mais de meia dúzia de anos muito comentados e discutidos em numerosas revistas francesas e belgas, em consequência do seu relativo valor.

A mediunidade artística, espalhando-se todos os dias, como o demonstram os inúmeros relatos de casos anunciados pelas revistas de estudos psíquicos de todo o mundo, pode vir a constituir um dos ramos mais interessantes e bem documentados da manifestação dos desincarnados. Agora mesmo acabamos de ter conhecimento de mais um médium pintor na Argentina, país onde ainda não se tinham registado manifestações desta natureza.

PEDRO CARDIA

**Convidam-se todos os sócios desta Federação, que já tenham dirigido sessões experimentais de Espiritismo dentro ou fora da Federação Espírita Portuguesa, a reunirem-se no dia 1 de Dezembro, na Sede desta Federação, às 20 horas.**

**Lisboa, 24 de Setembro de 1929.**

**A COMISSÃO DIRECTIVA DOS  
TRABALHOS EXPERIMENTAIS**

## INQUÉRITO

## VIII



Angel Aguero

*Liberta de todos os dogmatismos e personalismos, esta revista, essencialmente eclética e liberal dentro da sua estrutura neo-espiritualista, procura, através desta secção, subscrita por mentalidades de relêvo, na plenitude do mais amplo criticismo, convidar ao estudo do Espiritismo todos aqueles que, libertos de arcaicos preconceitos, queiram apreciar a sua doutrina no seu duplo aspecto — científico e filosófico — para deduzirem da sua essência as conseqüências morais e sociais que hão de revolucionar a consciência da nova geração num evolucionismo nitidamente neo-espiritualista, ascendendo para uma Humanidade mais perfeita.*

*Compete hoje a vez ao eminente publicista espanhol, sr. Angel Aguero. A sua biografia constituiria um volume luminoso e fecundo de labor e de ensinamentos através de quarenta anos de activa propaganda pela conferência, pelo livro, pelos jornais, e pelas revistas dos dois continentes, tendo abordado os problemas mais complexos e palpitantes das reivindicações sociais contemporâneas.*

*A sua obra vasta e profunda é essencialmente humana porque é espiritualista, no seu mais alto significado cristão.*

*São inúmeros os Centros Espiritualistas, jornais e revistas fundados por este emérito sementeiro da Fraternidade Cristã, quer em Espanha, quer na Argentina e no Brasil: «Nueva Era», «El Faro Espiritista», «La Union Espiritista», «La Antorcha del Progreso», «Eternidade», etc.*

*Antigo e dilecto companheiro de propaganda de D. Amália D. Soler, Quintin Lopez, Sarraga, Palasi, Miguel Vives, Visconde de Torres, Dr. Solanot, etc., Delegado de Espanha ao Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Paris, em 1900, o nosso ilustre entrevistado, sr. Angel Aguero, foi o prestigioso realizador da União Espirita do Rio Grande do Sul, fundada em 1921, de que foi activo e dedicadíssimo Presidente, muito tendo contribuído para a propaganda neo-espiritualista neste vasto e florescente Estado do Brasil que é hoje a sua pátria adoptiva.*

*Ouçamos, pois, este interessante e instrutivo depoimento de quem vale tanto pelo cérebro como pelo coração:*

**COMO CHEGUEI AO ESPIRITISMO**

De uma maneira muito simples. Vejamo-lo.

Transcorria o ano 1880; achava-me entre os 19 e 20 anos de idade e residia com meus pais em Barcelona, (Espanha). Um belo dia recebi uma carta de um meu amigo de infância, residente em Novales, pequena povoação da província de Huesca (Aragão) em cuja povoação permaneci desde a idade de 4 anos até aos 12, ao cuidado de meu tio, pároco do lugar, verdadeiro padre de almas, por sua bondade e pelo zêlo no cumprimento de seu ministério, sendo êle o encarregado de minha educação, até à mencionada idade de 11 anos, em que meus pais levaram-me, com êles, para Barcelona, onde fixaram residência.

Na carta referida, o dito amigo pedia-me que lhe comprasse e remetesse

as obras de Allan Kardec e assinasse a *Revista de Estudios Psicológicos*, que dirigia o eminente espírita, de primeira hora, Dom José Maria Fernandéz Colavida, cognominado o «Kardec Espanhol».

Sem demora dei cumprimento ao pedido do meu amigo; porém, antes de remeter-lhe os livros pedidos e os números da revista que me foram entregues, quis inteirar-me do conteúdo dos livros e da revista, na qual informei-me do movimento espírita daquele tempo, pelo copioso noticiário que trazia. Abriu-se para mim um mundo novo, satisfazendo uma aspiração de minha alma, e o que lia nas obras que por primeira vez folheava, só constituiu uma novidade para mim a revelação do que minha alma tinha procurado tôda a minha vida, através de tudo quanto em meus verdes anos prendeu minha atenção, o que determinou minha devoção pela causa dos oprimidos e da emancipação humana, em cujas fileiras filiei-me, sendo ainda criança. O que li naqueles livros foi a modo de um véo que se ia rasgando, oferecendo-me a visão do por mim sabido. Não aprendia; recordava.

Considerando que o que tinha em minhas mãos era um tesouro inapreciável, que devia possuir, enviei os livros e os números da revista a meu amigo, e sem perda de tempo, tornei ao local onde os havia comprado e adquiri outros iguais para mim. Voltei a falar com D. José Maria Fernandez Colavida, ficando amigos, e assinei a *Revista de Estudios Psicológicos*, e não demorei a fazer a mesma cousa a respeito da «*Luz del Porvenir*», que estava em seus primeiros tempos, semanário que dirigia D. Amália Domingos Soler.

Da leitura conscienciosa das obras de Kardec, tirei a consequência de que eu era espírita nato; não eram conhecimentos novos para mim os que continham essas obras, senão uma recordação do que já sabia. Declarei-me em seguida espírita, sem ter presenciado ainda nenhuma manifestação medianímica.

Não transcorreu muito tempo que tive ocasião de assistir a umas sessões de carácter familiar, nas quais pareceu-me tudo o que presenciei muito natural, compreendendo-o perfeitamente, e por certo que presenciei fenómenos notáveis e convincentes, ainda que não dos qualificados de físicos.

Puz-me em relação com a sem par Amália, que me convidou a assistir às sessões que se realizavam no Círculo Espírita «La Buena Nueva», no qual ela era o elemento principal. Em relação também com outros elementos de valia, no seio do Espiritismo barcelonês, entrei em actividade, e desde então tenho sido espírita militante, até o presente momento, sem ter vacilado nunca em minha fé espírita, que estou certo trouxe a êste mundo ao reencarnar. E a recordação das idéas espíritas, que estavam em mim, ao nascer, fez-me explicar a tendência que sempre me dominou, desde criança, de esforçar-me para conduzir-me em tudo de conformidade com a doutrina que desde antes dos vinte anos de idade professo.

*O que penso do Espiritismo e de sua influência na evolução da Humanidade?*

Fica concretizado no que segue, que faz parte de uma obra que me foi inspirada, não publicada ainda em volume:

Das características universalmente reconhecidas ao Espiritismo, deduz-se que êle não parte de nenhuma concepção humana; que não é um sistema ideado pelo homem, nem por poder algum da terra, religioso, político ou científico; senão que é de origem divina, revelado pelas almas dos chamados mortos, obedecendo a um plano preconcebido e dirigido por inteligências superiores do mundo oculto; que, assim sendo, terá que se impôr, incontrastável e forçosamente, no mundo, como se impõe, no curso da evolução planetária, tudo aquilo que do mesmo modo se vai desenvolvendo nas ordens várias da natureza, em todos os seus reinos.

Deduz-se igualmente, que, tendo o Espiritismo que se impôr, nenhum poder humano poderá impedir essa imposição, porque é impossível impedir que a Lei se cumpra, e nos postulados da Lei se encontra que o Espiritismo inspire a civilização nova, que se está desenvolvendo na Terra, e todas as instituições que as necessidades da espécie humana reclamem para seu desenvolvimento e cumprimento de seus destinos terrestres.

Deduz-se, também, das características com que se manifesta, que há de levar às almas a convicção de que todo o progresso colectivo deverá assentar nas aquisições individuais, pois impossível é o aperfeiçoamento da massa, sem o aperfeiçoamento prévio das partes que a compõem. Esta convicção lançará por terra muitas suposições mal fundadas e muitos erros sustentados com firmeza pelos que gozam de influência incontrastável nas diferentes escolas militantes, tanto sociais, como políticas, económicas ou religiosas, dando forma a equivocadas orientações, que perturbam a marcha regular do progresso e fazem viver o género humano em um ambiente fictício e, por conseguinte, enganoso. Com essa rectificação do êrro em que tantos homens ilustres se mantêm, mal orientando, por isso, sua acção, que repercute na sociedade, prejudicando-a, muito lucrará esta.

Demonstrando, como demonstra, a imprescindível necessidade de partir-se do aperfeiçoamento individual para conseguir-se o aperfeiçoamento colectivo, o Espiritismo fará que sôbre bases sólidas e justas se assente a obra reformadora de amanhã.

Das características do Espiritismo se deduz que de feitio completamente novo hão de ser os moldes a empregar-se em todas as reformas, nos diferentes sectores em que se acha dividida a organização social da humanidade.

As suas características, ao demais, fazem ver que êle não se especializa em coisa alguma, se bem influa em tudo. Sim, em tudo tem que influir, mas não por virtude de criações particulares, que o coloquem em frente de outras criações, como para lhes disputar o lugar. Ele é estranho a todo o particularismo exclusivista; não pode nem deve, desprezar a ninguém, nem a coisa alguma que seja aproveitável na marcha da evolução; é de todos, não de um partido, nem de uma seita, por isso, jãmais pode aspirar a formar escola à parte, em opposição a outras escolas, para combatê-las e tirar-lhes a influência que ainda possam exercer nos seres que delas necessitem.

A característica especial do Espiritismo é a universalidade. Ele abrange tudo, não repelindo coisa alguma que se baseie na Verdade e na Justiça, coisa alguma que haja passado pela prova da investigação dos sábios e recebido dêste a necessária comprovação.

Não pode o Espiritismo constituir uma religião ou uma política especial; não pode criar sistemas sociais que o distanciem de outros sistemas.

Sob êsse aspecto é eclético. De todos toma o que tem de verdadeiro e de bom e a nenhum repudia, porque sabe que todos satisfazem a necessidade de umas tantas almas. Em nada pode o Espiritismo singularizar-se, a não ser em formar um todo harmónico, que convida os seres todos ao acôrdo mútuo, ao trabalho solidário, à fraternal convivência, a-pesar das diferenciações naturais que existem entre uns e outros indivíduos da espécie.

Não há, pois, pretender que o Espiritismo, a não ser que o prostituam, se distinga por suas preferências religiosas, políticas ou sociais; alheio a todo particularismo, a todos auxilia com a seiva de sua virtude unificadora.

Porque, repetimos, o Espiritismo não se destina a influir no mundo, criando partidos, sistemas e escolas que dividam os homens, mas inspirando os que militem nas diversas escolas, ou instituições, para levar-lhes o seu espírito, que é o do amor recíproco, da harmonia, da fraternidade.

Não precisa o Espiritismo criar escolas, facções ou partidos, para fazer sentir sua influência no mundo. Se isso fizesse, seria mais uma facção, mais um partido, mais um sistema e nada a humanidade lucraria com a entrada de mais um actor na scena das discórdias. O Espiritismo é muito mais do que tudo isso. E, porque o é, poderá ter adeptos em todas as confissões, partidos e escolas em que se divide a humanidade, a-fim-de realizar nelas a obra benéfica da comunhão das criaturas humanas.

Assim, pois, não devem os adeptos da Nova Revelação sonhar com um porvir em que o Espiritismo, vencedor, dite e imponha, das alturas conquistadas, leis ao mundo. Isso jãmais êle fará. Conquistará, sim, os corações de todos os adeptos de todos os partidos, de todas as facções e de todas as confissões, a-fim-de que, da posição que ocupem, influam no mundo com o espírito de sabedoria que êle lhes terá impresso e com êsse espírito executem a obra que lhes cumpre realizar.

Desta e não de outra maneira terá o Espiritismo que influir no mundo; de outra forma se amesquinhará e não valerá a pena que abraisse passagem por entre as demais idéas e credos que disputam a hegemonia no seio da humanidade.

Deduzido tudo isto das características com que se apresenta o Espiritismo na scena terrestre, chegamos às seguintes conclusões:

O Espiritismo não pode ser um partido político, nem constituir um credo religioso, nem formar um sistema social exclusivo, porque não está em sua natureza singularizar-se de forma especial, nesses sentidos, desde que atraí ao seu seio todas as criaturas humanas, sejam quais forem suas opiniões ou crenças, côr, nacionalidade e grau de cultura e moralidade.

O Espiritismo, propugnando o aperfeiçoamento individual, como base do aperfeiçoamento colectivo, firma a base de um método seguro para chegar-se à solução, também segura, e sem lutas, de todos os problemas de qualquer ordem que se desenhem no cenário social.

O Espiritismo, estimulando o cultivo integral do Espírito, faculta às artes, às sciências e a todas as capacidades espirituais, desenvolverem-se sem embaraços, satisfazendo a uma necessidade das almas incarnadas.

Não sendo uma religião, porém sim a Religião, o Espiritismo ligará um dia todos os homens por um só sentimento de adoração à Causa Suprema, não permitindo que os indivíduos se considerem adversários e, menos, inimigos, por prestarem, de modos diferentes, culto à Divindade.

Levando a todos os sêres a convicção de que só pela prática do bem poderão ascender na escola da perfeição e que dêles depende seu próprio progresso, o Espiritismo traçará um novo plano de trabalho aperfeiçoado que, assegurando a todos desenvolverem acção consciente e proveitosa, tornará efectiva a harmonia social e a fraternidade humana.

Demonstrando a necessidade da tolerância e do respeito mútuo e reconhecendo a legitimidade de todos os credos, suavizará as asperezas da vida e, constituindo-se, o nexo entre todos os homens, fará praticada realmente na terra a doutrina do Redentor, o que assinalará a era nova do reinado de Jesus Cristo e lhe permitirá descer novamente ao mundo.

A isto forçosamente conduzirá o Espiritismo, exercendo no planeta sua influência avassaladora, à qual não poderão subtrair-se credos, partidos, gerarquias, sábios, ignorantes, bons e maus; porque, quando os homens pudessem resistir a tôda sugestão espírita, de maneira alguma poderiam ferrar-se à sugestão espiritual das entidades do Espaço, dos Mensageiros do Pai, que, onde quer que seja preciso, obedientes ao plano divino, exercem sua acção, sem que dela possam livrar-se nem os amigos, nem os adversários da Doutrina dos Espíritos. Influem êles, para tudo encaminhar aos fins previs-

tos pelos Directores da Evolução, em cujo Supremo Conselho se acha o Cristo presidindo-o, sem pontífices nem monarcas. Todas as gerarquias humanas são influenciadas pelos Espíritos do Senhor: os chefes de todos os governos e de todos os partidos; os altos e os baixos; os de muito destaque e os de pouco; os sábios e os ignorantes. Todos os habitantes da Terra, enfim, recebem a influenciação dos Espíritos e nada ocorre que não corresponda ao plano divino. Tudo é Espiritismo.

Assim sendo, digam-nos se não está assegurada sua influência no mundo e se alguma coisa há, ou pode haver, que escape à sua influência. Ele tem que triunfar e tudo concorre para êsse triunfo.

ANGEL AGUAROD

## Boletim da Federação Espírita Portuguesa

enviado à

Federação Espírita Internacional

Queridos irmãos:

A-pesar-de filiada na Federação Espírita Internacional desde 1927, é êste o primeiro ano em que a Federação Espírita Portuguesa lhe apresenta o relatório dos trabalhos efectuados desde o seu início, porque as inúmeras dificuldades com que topou até aqui lhe não permitiram cumprir mais cedo êste grato dever.

Tendo-se feito representar nas anteriores reuniões do Comité Geral da Federação Espírita Internacional pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Jean Meyer, André Ripert e Hubert Forestier, e no Congresso Espírita Internacional pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Hubert Forestier, que também agora a representa, a Federação Espírita Portuguesa rejubila por se encontrar filiada na Federação Espírita Internacional, no seio da qual se abrigam as Federações da maior parte das nações do mundo, e faz votos porque todas as grandes associações espiritistas, compreendendo a alta missão que cabe à Federação Espírita Internacional, venham acolher-se a ela, unificando a sua acção para que o Espiritismo se torne aquela fôrça arrebatadora que nos insufla coragem para lutar ardentemente contra a degradação da humanidade, difundindo a Verdade e a Luz.

A todos os espíritas do mundo representados nesta reunião pelos Delegados das respectivas Federações nacionais, e a todos os que aqui se não encontram, mas que nos seus países se entregam corajosamente à difusão das verdades espirituais que hão de fazer reinar no mundo a verdadeira fraternidade, a Federação Espírita Portuguesa saúda affectuosamente, dirigindo-lhes o seu pensamento de amor e confraternização.

Invocando a protecção dos Bondosos Guias da Humanidade, que do Além se esforçam por nos fazer compreender a verdadeira finalidade da existência, a Federação Espírita Portuguesa apela para a dedicação de todos os soldados da Nobre Causa, a-fim-de que a propaganda se intensifique, a união seja cada vez mais íntima e o intercâmbio de idéas fortaleça e glorifique as sublimes doutrinas filosóficas que constituem o Espiritismo.

Para este fim a Federação Espírita Portuguesa tem a honra de apresentar ao Comité Geral da Federação Espírita Internacional as seguintes propostas :

I — Considerando que são os momentos mais dolorosos da vida, sobretudo os causados pela perda de entes queridos, os mais propícios para a iniciação na doutrina espírita, que lhes leva dôces consolações ;

A Federação Espírita Portuguesa tem a honra de propôr ao Comité Geral da Federação Espírita Internacional que seja publicado um pequeno folheto de propaganda espírita, escrito em linguagem simples e clara contendo os princípios do Espiritismo, para enviar às famílias dos desincarnados, que cada Federação nacional elaborará de acôrdo com as tendências do povo do seu país.

As Federações nacionais, como orientadoras do movimento de propaganda, delegarão o encargo da sua distribuição, para os respectivos Estados ou províncias, nas Federações Estaduais ou Provinciais e estas, por sua vez, nos Centros regionais, de modo que em todo o mundo sejam espalhados diàriamente pelo correio aqueles folhetos às famílias dos que desincarnam, orientando-se essa distribuição pelos noticiários necrológicos dos jornais.

II — Considerando que tem as maiores vantagens para a confraternização e intercâmbio intelectual os Congressos Espíritas ;

Considerando que ainda se não realizou Congresso algum em que se fizessem representar exclusivamente os povos latinos, ligados por tão fundas afinidades de raça e de ideal ;

A Federação Espírita Portuguesa tem a honra de propôr ao Comité Geral da Federação Espírita Internacional a realização do 1.º Congresso Espírita Latino, em Lisboa, no ano de 1932.

## Relatório dos Trabalhos

da

### Federação Espírita Portuguesa

Foi o 1.º Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa de 15 a 18 de Maio de 1925, que iniciou uma nova fase, intensa e brilhante, do movimento espiritista em Portugal.

Dêsse Congresso saíu uma Comissão, presidida pelo Dr. António J. Freire, para elaborar os Estatutos e constituir a Federação Espírita Portuguesa, como organismo indispensável à unificação e orientação da propaganda.

A Comissão Pró-Federação encontrou numerosas dificuldades na realização do seu objectivo; mas soube vencê-las valorosamente, tendo conseguido fazer aprovar os Estatutos da F. E. P. no dia 11 de Julho de 1926. Foi organizada uma sessão solene que teve lugar a 31 do citado mês, nela tendo tomado posse os membros dos Corpos Gerentes, recrutados entre a élite espírita.

Desde logo ficou estabelecido que a orientação da F. E. P. visaria essencialmente a *Organização*, a *Propaganda* e a *Confraternização*.

Instalada muito deficientemente a F. E. P. na Travessa de André Valente, n.º 7, em breve se reconheceu que era impossível ali continuar por causa da situação precária da instalação.

Como porém os recursos de que a Federação Espírita Portuguesa dispunha eram muito diminutos e os preços de aluguer e trespasse eram exagerados, longo tempo decorreu antes de se arranjar casa que melhor satisfizesse as exigências de propaganda.

Foi em Abril de 1927 que a F. E. P. se instalou na actual sede provisória, um pouco mais vasta mas ainda insuficiente para o desenvolvimento que temos, na Rua da Assunção, 58, onde os resultados da propaganda se fizeram sentir, modificando bastante a situação da F. E. P.

**Organização** — Durante o tempo em que a Federação esteve instalada na Travessa de André Valente iniciaram-se os trabalhos de organização, tendo ficado assente que em todos os concelhos administrativos de Portugal, Ilhas e Colónias, se procuraria constituir *Comissões Federativas de Propaganda Espírita*, cuja missão é pôr os espíritas do respectivo concelho em contacto directo com a F. E. P., dirigindo ao mesmo tempo o movimento espiritista regional.

Quando o número de Concelhos em cada província é suficiente para sustentar uma *União Espírita Provincial*, à semelhança do que já sucede no Algarve, onde está constituída a União Espírita Algarvia, a F. E. P. promove e auxilia a sua realização, procurando dar-lhe vida própria.

Trabalha-se agora activamente na organização da *União Espírita Alentejana*.

Encontrando-se no Brasil e na América do Norte grande número de portugueses, a F. E. P. que é património de todos os portugueses, entendeu dever estender a sua acção a esses países, e em especial ao Brasil, a que Portugal está ligado por tão estreitas afinidades de raça, língua e ideal. Auxiliada por muitos irmãos dedicados, entre os quais é justo destacar António José Alves, a F. E. P. procurou constituir em cada Estado do Brasil *Comissões Delegadas da F. E. P.*, com o fim de intensificarem o intercâmbio intelectual e espiritual entre os dois países irmãos, estreitarem os laços de amizade e confraternização e ao mesmo tempo, animadas por estes objectivos, angariarem sócios para a F. E. P. e distribuirem as suas publicações periódicas e eventuais.

Prosseguindo nos trabalhos de organização federativa, a F. E. P. conseguiu ver constituídas 35 Comissões Federativas, além de numerosos Delegados onde não foi possível a constituição de Comissões, no Continente; 2 Comissões e vários Delegados, nas Ilhas, 6 Comissões e vários Delegados, nas Colónias; 6 Comissões e 23 Delegados, no Brasil; 2 Delegados, na América do Norte; e alguns Delegados em diversos países.

**Propaganda** — A F. E. P. logo que se encontrou de posse de casa onde pudesse iniciar os trabalhos de propaganda, começou imediatamente a promover conferências quinzenais, intercaladas com trabalhos experimentais. Estes últimos, infelizmente, não tem tido a importância que seria para de-sejar por absoluta falta de médiuns. Sobre os trabalhos superintende a *Comissão Directiva dos Trabalhos Experimentais*.

A F. E. P. promoveu numerosas conferências em vários pontos do país tendo sido visitadas pelos seus conferencistas, muitas cidades e vilas do país como: Pôrto, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Caldas da Rainha, Marinha Grande, Vieira de Leiria, Barreiro, Beja, Portel, Faro, Lagos, Silves, Olhão e Portimão, estas últimas por ocasião do 4.º Congresso Regional Espírita Algarvio a que a F. E. P. prestou todo o seu auxilio bem como aos realizados nos anos anteriores. Vai ser constituída uma *Comissão de Propaganda* donde irradiarão sub-Comissões para actuarem no meio académico, operário, etc.

**Publicações** — Aprovada a criação do órgão oficial da F. E. P. a que

foi dado o nome de « *Revista de Espiritismo* » e confiada a sua direcção aos Drs. A. A. Martins Velho, Adolfo Sena, António J. Freire e António L. Vileta, tendo como secretário da redacção Pedro Cardia, esta revista bimestral, de 40 páginas de texto, muito ilustrada, tem merecido as mais honrosas apreciações de toda a imprensa nacional e de várias revistas e jornais espiritas estrangeiros, especialmente brasileiros, que chegaram a afirmar ser ela a *melhor, no género, em língua portuguesa e uma das mais úteis ao Espiritismo de quantas se publicam em todos os países* (« *A Luz* », Maceió, Alagoas, Brasil).

A índole desta revista é essencialmente filosófica e científica, procurando apreciar todos os problemas, tendo em conta as mais diversas hipóteses que os podem explicar.

Em Julho de 1928 criou-se um jornal bimestral de distribuição gratuita « *O Mensageiro Espírita* » cuja direcção foi confiada à Dr.<sup>a</sup> Amélia Cardia, para ser distribuído aos sócios da F. E. P. nos meses em que não sai a « *Revista de Espiritismo* ».

Isto teve as mais felizes conseqüências para a propaganda que muito lucrou também com os folhetos de distribuição gratuita que a F. E. P. fez imprimir e cuja lista é a seguinte:

*Catecismo Neo-Espiritualista*, 5.000 exemplares, 1.<sup>o</sup> volume da *Biblioteca de Divulgação do Espiritismo* criada em harmonia com uma proposta apresentada ao III Congresso Espírita Internacional de Londres (os restantes volumes da biblioteca em preparação, são):

II — « *O que é o Espiritismo* ». III — « *Evolução* ». IV — « *Sessões Espiritistas* ». V — « *O Poder Mental* ». VI — « *O Espiritismo e a Metapsíquica* ». VII — « *O Espiritismo e a Ciência* ». VIII — « *O Espiritismo e as Religiões* ». IX — « *O Espiritismo e o Naturismo* ». X — « *Aspecto Social do Espiritismo* ».

<i>A Morte é Vida</i> . . . . .	(publicado)	7.000	exemplares
<i>A Vida é Eterna</i> . . . . .	»	20.000	»
<i>Religiões e Espiritismo</i> . . . . .	»	20.000	»
<i>Catolicismo e Espiritismo</i> . . . . .	»	20.000	»
<i>A Doutrina Espírita da Reincarnação</i> . . . . .		7.000	»
(no prelo)			
<i>Catolicismo e Espiritismo</i> . . . . .		10.000	»
(no prelo)			

Várias outras publicações se acham em preparação e entre elas alguns livros, que serão editados depois de aprovados pela *Comissão de Publicidade*.

Todas as publicações periódicas e muitas das eventuais são enviadas gratuitamente e a título de propaganda para as salas de leitura de associações literárias, científicas, artísticas e de classe, hotéis, liceus, corporações militares e de marinha, etc., etc.

**Confraternização** — A F. E. P. com o fim de tornar mais íntimo o sentimento fraterno entre todos os espíritas nomeou uma *Comissão Organizadora de Festas de Confraternização e Beneficência* cujos lucros revertem a favor da Caixa de Beneficência. Esses lucros são distribuídos pela Comissão de Beneficência que vai nomear sub-Comissões para levarem o conforto e a esmola aos deserdados da sorte, aos hospitais e aos presos.

A F. E. P. no desejo de estabelecer a mais ampla confraternização com os irmãos de todo o mundo, já se pôs em contacto com as grandes Federações nacionais de vários países, em especial com o Brasil, a França, a Espanha, a Bélgica, a Itália, a Inglaterra, a Argentina, o México, Pôrto Rico, Cuba, Venezuela, etc.

**Sede** — Em consequência desta mesma intensificação de propaganda a sede em que se acha instalada tornou-se extremamente exígua e deficiente.

O número actual de sócios é de 750 no continente e 500 nas Ilhas, Colónias e Brasil, e outros países estrangeiros.

Sendo necessário e urgente remediar uma situação que não pode prolongar-se, a F. E. P. apelou para todos os seus irmãos em crenças, e abriu uma subscrição para a construção de edifício próprio, que foi muito bem acolhida e que no momento actual atinge cêrca de *Esc. 185.000\$00*, (cento e oitenta e cinco mil escudos).

O terreno para a sede já foi comprado num bairro muito socegado, mas central (Lapa), na Rua Almeida Brandão, 12, devendo brevemente iniciar-se a construção logo que o projecto anexo a êste relatório seja aprovado na Câmara Municipal.

O 2.º Congresso Espírita Português, que deveria realizar-se êste ano, segundo os Estatutos, só se realizará provávelmente com a inauguração da nova sede, em 1930.

Eis, caros irmãos, o resumo dos trabalhos feitos pela F. E. P. nos três primeiros anos da sua existência.

Muito há a fazer, especialmente depois de se achar construído o edifício da sede social da F. E. P.

Largos planos existem que, em poucos anos, aumentarão ainda o prestígio notável já atingido pelo Espiritismo em Portugal, mercê das publicações da F. E. P. e em especial da «Revista de Espiritismo», levando-o ao fastígio que lhe ambicionamos numa aspiração ideal de Fraternidade e Paz para tôda a humanidade.

PELA DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

O SECRETÁRIO GERAL

PEDRO CARDIA

## CRÓNICA ESTRANGEIRA

**Uma criança prodígio** — A «*Revue Spirite*» conta um caso interessantíssimo referente a um filho do secretário geral do grupo espirita de Brest, M. L'Azou. Este recebeu medianicamente, por várias vezes, a comunicação de que seu filho mais novo que então contava pouco mais de dois anos, viria a ser um músico distintíssimo e extraordinariamente precoce. Efectivamente aos três anos já esta criança tocava ao piano, só com um dedo, todas as canções em voga. Por conselho do guia do seu Grupo, o pequeno foi confiado a um professor que viu, com grande espanto, o seu extraordinário aproveitamento. Numa semana êle sabia a clave do sol e duas lições de meia hora bastaram para o familiarizar com a clave de fá, mas de tal modo que lia a música nas linhas suplementares que lhe não tinham sido ensinadas.

Era sem dúvida a revivescência de conhecimentos adquiridos em uma anterior existência.

Em Agosto de 1927, noticiando um concêrto, todos os jornais de Brest, elogiavam francamente o jóvem pianista L'Azou, de 4 anos, que, em face dos estrondosos aplausos recebidos, se pôs a chorar...

De então para cá os seus progressos teem sido enormes, executando trechos escolhidos de grandes dificuldades técnicas, admirávelmente vencidas com espanto de quantos o escutam.

Alceste, o guia do grupo de Brest, disse ao pai, àcêrca do pequeno Jofo L'Azou, o segui te:

«Repito-o, o teu filho apenas debuta na sua arte. Verás o successo que êle vai ter dentro de alguns anos. Quando começar os seus estudos distrai-o de tempos a tempos para que a sua saúde não seja prejudicada. Em todo o caso eu te guiarei a seu respeito. Como vês, até aqui nunca te induzi em êrro...»

Este caso tão interessante vem comprovar mais uma vez a veracidade duma das leis fundamentais do espiritismo: a da pluralidade das existências. Só ela pode explicar as mais diversas desigualdades aparentes com que a cada passo topamos.

**Uma prova irrecusável duma manifestação espirita** — O prof. Ernesto Bozzano conta na «*Luce e Ombra*» a propósito duma entrevista entre o grande filósofo Bergson e o prof. Lawrance Jones, um caso de sonho em que a intervenção dum espírito é manifesta.

Uma senhora de Sussue teve em sonhos a aparição de seu pai, um rico comerciante que tinha regressado à sua terra natal e, falecendo aí, foi sepultado no cemitério de Sussue, tendo sido colocada uma pedra sepulcral sôbre a sua sepultura. Durante o sonho a aparição reclamava contra o engano de terem colocado essa pedra numa sepultura que não era a sua.

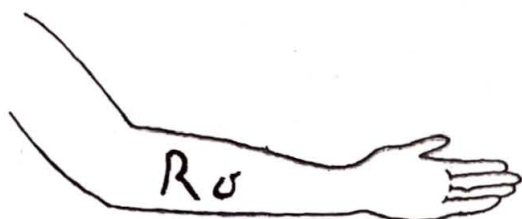


FIG. I

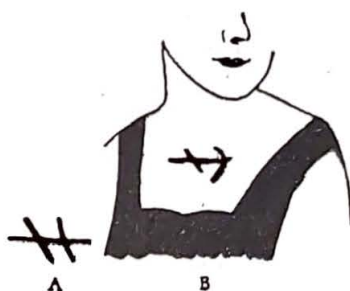


FIG. IX



FIG. II



FIG. III

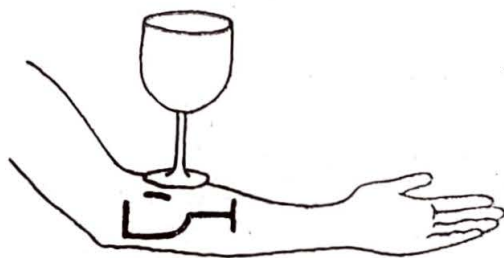


FIG. V

#### Dermografismo do pensamento

Experiências realizadas no Instituto Metapsíquico Internacional em Paris

Interrogado o coveiro, este afirmou que não podia ter dúvidas sôbre esse caso porque seu irmão, que morreu depois do negociante, estava sepultado ao lado d'êles e conhecia muito bem o local da sepultura.

Estas razões satisfizeram o genro do falecido que as comunicou à esposa. Porém esta teve em sonhos uma nova aparição do pai queixando-se insistentemente do erro. Atormentada pela dúvida, esta senhora pretendeu verificar mais rigorosamente o facto. Concedida pelas autoridades a permissão de inumar o cadáver, verificou-se que a pedra estava realmente colocada na sepultura do irmão do coveiro e não sôbre a do comerciante.

Corrigindo este erro, desconhecido de todos os vivos, a aparição demonstrou portanto, cabalmente, a sua sobrevivência e identidade.

**Um caso notável de dermografismo do pensamento** — Na «*Revue Metapsychique*» conta o Dr. Osty, no seu notabilíssimo artigo subordinado ao título «*O que a medicina deve esperar das propriedades psíquicas paranormais do homem*», um caso muito interessante a cuja observação, rigorosamente científica, procederam alguns membros dos mais categorizados do «Instituto Metapsíquico Internacional».

O passivo que deu lugar a tão estranhos fenómenos, é uma senhora de nacionalidade

rusa, M.<sup>me</sup> Olga Kall que, desde a mais tenra idade, revelou faculdades de conhecimento supranormal. Aos 7 anos dizia ela o futuro às pessoas das suas relações e muitas vezes as suas profecias se realizavam. Na sua ascendência, tanto a mãe como uma tia, tinham visões proféticas verificadas. Tendo-se seus pais ocupado na Sibéria de exploração de terras auríferas, lembraram-se de a hipnotizar para que ela lhes indicasse os lugares ricos em ouro, o que ela fez, desenhando mesmo a maior pepita que lá se encontrava, dum modo perfeitamente exacto como se verificou. Foi aos 19 anos que lhe apareceram os primeiros sintomas de dermatografismo, precedidos de vermelhidão, e tomados ao princípio como uma erupção cutânea que lhe aparecia sempre que alguma emoção forte a impressionava. Reconhecidas já a êsse que lhe aparecia sempre que alguma emoção forte a impressionava. Reconhecidas já a êsse que lhe aparecia sempre que alguma emoção forte a impressionava. Reconhecidas já a êsse que lhe aparecia sempre que alguma emoção forte a impressionava.

As suas extraordinárias faculdades de conhecimento supranormal permitem a esta senhora descrever o carácter de qualquer pessoa desconhecida e fazer facilmente a detecção do pensamento de outrem, quer êsse pensamento tenha sido escrito, quer seja expresso mentalmente, dum modo muito semelhante ao que se observa com o grande clarividente Stephan Ossowiecki, ao qual já várias vezes nos temos referido nesta revista. Quasi sempre ela é informada por visões, algumas vezes por escrita automática e mais raramente por clariaudiência.

O que neste passivo é mais extraordinário é a inscrição cutânea das perguntas mentais ou escritas (conservadas ocultas) que se lhe formulam.

Do relatório de várias sessões dirigidas pelo Dr. Osty, ilustre Director do Instituto Metapsíquico Internacional, extraímos os seguintes casos para que se possam avaliar as possibilidades de M.<sup>me</sup> Kahl no domínio do dermatografismo.

Logo na primeira sessão, realizada a 29 de Outubro de 1927, depois de terem sido postas à prova as suas faculdades metagnómicas e a-pesar dela já estar fatigada dessas experiências, uma primeira tentativa de dermatografia voluntária foi coroada, senão dum êxito completo, pelo menos muito satisfatório. O Dr. Osty figurou mentalmente e pensou com intensidade na palavra *Rosa*, ao mesmo tempo que apertava, a seu pedido, o pulso esquerdo de M.<sup>me</sup> Kahl. Para facilitar o fenómeno friccionou o braço esquerdo onde pouco depois aparecia um *R* e seguidamente um *o* (fig. I). A-pesar-de todos os seus esforços não conseguiu fazer gravar as restantes letras, dizendo ao Dr. Osty:—«*Deverieis ter pensado na palavra Rosa*», o que era exacto.

A fricção que podia tomar-se por uma tentativa mascarada de fraude, pode ser feita por qualquer pessoa e nem sempre é necessária, dando-se os fenómenos em plena luz.

Numa sessão de 22 de Janeiro do ano passado, às três horas da tarde, numa sala amplamente iluminada, M.<sup>me</sup> Kahl tentou uma nova experiência perante várias pessoas e entre elas o Dr. d'Espiney, de Lyon. Pensando êle intensamente na palavra Francisco conseguiu ver impressa na pele do braço de M.<sup>me</sup> Kahl, a primeira sílaba dessa palavra (fig. II).

Nessa mesma sessão uma senhora que acompanhava o Dr. d'Espiney tentou uma experiência, e tomando a mão do passivo, pensou um nome. Viu-se aparecer um *V* e M.<sup>me</sup> Kahl perguntou: «*Foi Ivonne em que pensastes?*» A interpelada não respondeu, aparecendo, todavia, a pouco e pouco, várias letras a que faltava apenas um *o* para completar a palavra *Volande*, em que aquela senhora tinha pensado (fig. III). Tendo já servido os dois braços para as experiências desta sessão, descritas, M.<sup>me</sup> Kahl tentou uma experiência com o Dr. Osty, pedindo-lhe para fixar qualquer desenho simples que ela procuraria fazer imprimir no peito. Figurando o Dr. Osty mentalmente uma linha horizontal cortada por duas oblíquas paralelas viu-se daí a pouco no decote do peito um sinal muito semelhante. (fig. IV).

Várias outras experiências foram realizadas sempre com êxito perante vários professores da Faculdade de Medicina de Paris e Médicos ilustres como: Richet, Cunéo, Roux, Weil, Bourbon, Maingot, etc. Na última que o Dr. Osty narra, depois de várias experiências de detecção de pensamento, optimamente sucedidas, observou-se a produção voluntária da dermatografia dum copo colocado verticalmente sobre um antebraço e reproduzido em posição horizontal como mostra a gravura (fig. V). O Dr. Osty pretende registar cinematograficamente estes fenómenos, o que os tornaria o mais bem documentados que é possível.

Porque mecanismo se opera um fenómeno tão extraordinário e inexplicável segundo as concepções clássicas da fisiologia? E' necessário admitir que, em condições ignoradas, M.<sup>me</sup> Kahl poderá agir superconscientemente sobre o seu sistema nervoso vegetativo, por uma acção selectiva das células piramidais do seu cortex, determinando assim a turgescência dos capilares, visível através da epiderme.

As possibilidades anímicas, alargando os horizontes da parapsicologia, hão de vir a confirmar que os fenómenos espiritas são o seu complemento necessário, como manifestações da alma humana em grau de maior liberdade.

**Materialização numa Igreja espiritualista inglesa** — O sr. Max Gittleson, de Londres, conta na «*Light*», de 31 de Agosto que durante uma reunião realizada em 11 do mesmo mês na «*Battersea Christian Spiritualist Church*», foi vista uma materialização do médico que do Astral conduzia as curas realizadas pelo grande médium clarividente e curador

Mrs. Lilly. Como é sabido o Espiritismo em Inglaterra tem uma feição acentuadamente religiosa e nas Igrejas Espiritualistas comparecem, sempre, médiuns clarividentes e curadores que tanto abundam em Inglaterra, dando provas de identidade incontestáveis com as descrições que fazem a pessoas desconhecidas dos espíritos que as rodeiam. A materialização apontada foi vista por mais de cinquenta pessoas e, confirmando a narração do Sr. Gittleson, foi recebida na «Light» uma carta em que duas pessoas presentes também a atestam. A materialização formou-se numa meia luz e foi visível durante cêrca de 20 minutos, apresentando-se bastante diáfana, mas ainda assim com a consistência necessária para permitir que os seus movimentos fôsem visíveis.

PRDRO CARDIA

## Concurso de clarividência psicométrica

Só no dia 30 de Setembro foram enviadas a M.<sup>me</sup> Lagrange as cartas que recebemos para êste concurso e isto em consequência de muitas pessoas que se inscreveram não nos terem remetido as suas cartas em tempo competente, de modo a serem expedidas imediatamente como convinha para os bons resultados dêste concurso.

Nada nos admirará que decorrido tanto tempo e guardadas as cartas recebidas na mesma caixa, pois não poderíamos supôr que a sua recepção se arrastaria tanto, se confundam as influências que as impregnavam, dando assim lugar a erros que nunca poderão ser imputados à clarividência de M.<sup>me</sup> Lagrange, absoluta e inequivocamente demonstrada em numerosas experiências, nem à redacção desta Revista que teve em mira o fundo desejo de fornecer aos seus leitores provas indiscutíveis das faculdades de conhecimento supranormal que infelizmente em Portugal raríssimas vezes se õbteem, por falta de metagnomos notáveis.

Para aumentar o interêsse do concurso e provocar a clarividência espírita de M.<sup>me</sup> Lagrange, dirigimos uma circular a várias pessoas para que, não desejando uma investigação pessoal, enviassem uma carta de alguma pessoa falecida por quem se interessassem, visto que lhes poderia ser assim dada uma prova de sobrevivência pessoal inteiramente convincente.

Não podemos deixar de manifestar o nosso profundo pesar por tamanha indiferença perante experiências desta natureza, rigorosamente verificáveis sob o ponto de vista científico, quando a-final, em face de manifestações duvidosas, muita gente fica embasbacada porque, pela boca dum pseudo-médium, falou o *pretense* espírito dum ilustre desconhecido que disse uma série de desconchavos ou as clássicas e habituais descrições de que os médiuns se acham embuidos e que nada provam a comunicação dos desincarnados, visto que, em se pretendendo investigar alguma coisa que a demonstre, é vê-los esgueirar-se, mais ou menos hãbilmente, sem chegar a nada de concludente.

Não são êsses os processos de trabalho que dignificam o espiritismo, que em si engloba todos os fenómenos psíquicos. Já Allan Kardec o disse: O Espiritismo ou será científico ou não existirá.

E' fácil de compreender que um concurso de clarividência nas condições do nosso pode conduzir a resultados práticos positivos e iniludíveis. Isso esperamos. Tendo em conta as faculdades notabilíssimas de M.<sup>me</sup> Lagrange, aguardemos confiadamente os resultados do concurso que, a-pesar-de tudo, nos vai proporcionar, de certo, alguns casos surpreendentes.

# FACTOS SUPRANORMAIS

A nossa ilustre colaboradora, M.<sup>me</sup> Frondoni Lacombe, publica na «*Psychica*» uma carta em que descreve um fenómeno interessantissimo de tiptologia, passado em Lisboa no dia 10 de Fevereiro do anno corrente, em casa do excelente médium de efeitos fisicos, a sr.<sup>a</sup> Condessa C. Reproduzimos as suas palavras para não alterar a descrição do fenómeno:

«A 10 de Fevereiro, aniversário da Condessa C., nosso médium, passou-se um fenómeno pouco vulgar. Estavam 8 pessoas à sua mesa, ricamente servida e brilhantemente iluminada. Tôda a gente estava alegre, rindo-se, e divertindo-se, quando eu tive a idéa de dizer que, visto ser o aniversário da Condessa as entidades que tinham o hábito de se manifestar muitas vezes durante as refeições, deveriam vir essa noite desejar uma boa saúde à dona da casa. Imediatamente a mesa se mexeu e pôs-se a bater com dois dos seus pés, do meu lado. Nem a Condessa, nem os seus convidados, prestaram atenção ao que se dizia e continuaram a rir. Com dificuldade contei as pancadas batidas pela mesa, parecendo-me que as letras correspondentes não formavam sentido. A Condessa diz-me de repente: «Não teimes; só balem letras ao acaso». Mas a mesa protestou com duas enormes pancadas que fizeram tremer tôda a louça e quasi entornar o liquido dos copos. Intriçada insisti e pedi que fizessem um pouco de silêncio mas foi inútil. A Condessa era a primeira a dar o impulso. Felizmente um dos convidados, o sr. Lacerda, artista lirico, parecia mais sério e pedi-lhe para escrever as letras num pedaço de papel, à medida que a mesa batesse, sem se preocupar com o sentido que lhe pudesse achar. O sr. Lacerda aquiesceu e como tinha na algibeira um pequeno carnet e um lápis, foi-lhe isso fácil. A mesa recommçou a bater e as letras que soletrávamos pareceram-nos a princípio desordenadas mas depois que o sr. Lacerda as reuniu, descobriu que a mesa tinha dito em inglês «good health» (boa saúde).

Satisfeita com este resultado improvisto pedi que prosseguissemos. A Condessa, com o espirito completamente distraído, continuava a rir com os outros convivas. Isto aumentou a dificuldade para chegar a compreender o que a mesa de novo batia. O sr. Lacerda que, creio-o bem, teria preferido não continuar a experiência para se divertir com os outros, prestou-se, por amabilidade, em vista da minha insistência, a escrever as novas letras que foram as seguintes: «I want to be happy» o que significa em inglês: «quero ser feliz». Se assinalo esta manifestação, que estávamos longe de esperar, é sobretu-

do por causa da sua singularidade. Nada se pode tirar, infelizmente, deste incidente e a boa prova está longe de ser esta, porque nada afirma a intervenção dum espirito. O sr. Lacerda conhecia o inglês; eu pedi que se fizessem votos pela saúde da Condessa e foi, com efeito, o que primeiro foi batido; de modo que pode ter havido dois casos de intervenção dos nossos subconscientes o que não diminue o interesse da manifestação se reflectirmo sem que atmosfera de desordem ela se produziu. Como eu censurasse a indiferença da Condessa por uma cousa tão interessante, ela respondeu-me que não tinha convidado gente para sessões e que achava de mau gosto obrigar alguém a conservar-se em silêncio por causa de coisas que não interessavam, sobretudo num jantar de aniversário e no momento em que todos desejavam divertir-se. Ela tinha talvez razão, mas, segundo a minha opinião, é justamente esta má vontade dos convivas e do médium que é digna de atrair a nossa atenção. Foi, na verdade, o nosso subconsciente que agiu?... E' esta explicação sufficiente?... Não, não o creio. Porque é que estando o meu subconsciente cheio de recordações de meu querido marido, de Flammariion, do coronel de Rochas, de meu filho, de meu pai, em suma, de tantas pessoas amigas com quem vivi mais ou menos, porque é que, digo eu, o meu subconsciente não revela nunca alguma coisa da sua vida?...

Examinando com cuidado a teoria espirita, parece-me bem extraordinário que um espirito queira manifestar-se num meio tão distraído e tão pouco disposto a prestar-lhe atenção. Mistério, sempre mistério...

Permitimo-nos observar, sem pretendermos de nenhum modo afirmar em todas as manifestações tiptológicas a intervenção de inteligências desincarnadas extrínsecas ao médium, visto estar comprovada a acção telequinética deste por intermédio de alavancas fluidicas, espécie de pseudopódios ectoplásmicos por êle emitidos para determinar os movimentos tiptológicos, que essa intervenção nos parece possível, mesmo nas condições observadas, pois que as leis de afinidade, que tudo regulam na natureza, poderiam ocasionar a presença de entidades cujo ritmo vibratório se identificasse inteiramente com a resultante das interacções psíquicas de todos os assistentes. Parece além disso, que todas as manifestações tiptológicas inteligentes são dirigidas por inteligências estranhas, devendo imputar-se às possibilidades do médium apenas os movimentos desordenados e inconscientes ou aqueles cujo encadeamento possa ser guiado, embora inconscientemente, pelo médium em relativa independência.

# NOTICIÁRIO

**Comissões Federativas de Propaganda** — Continuam activamente os trabalhos de organização federativa que vão sendo coroados do mais feliz êxito. E' com subido prazer que registamos hoje mais duas Comissões Federativas compostas de dedicados confrades cujo concurso muito há-de valorizar, certamente, o rendimento da nossa propaganda.

Estas comissões ficaram assim constituídas :

**Santarém** — Presidente, Joaquim Emilio Videira Camacho; Vice-presidente, Josué Paula da Cunha; Secretário, Marcelino Brito Solas; Vogais: D. Maria da Piedade Cunha, D. Júlia Amélia Nogueira Dias, D. Lucinda Conde, D. Clara Lima, José Paulino Pereira, Jaime Alexandre, Joaquim Tavares de Pinho Júnior.

**Ponta Delgada (Açores)** — Presidente, Cândido José Xavier Júnior; Vice-presidente, Manuel Carvalho de Miranda; Secretário, Aurélio de Freitas.

**Comissão de Beneficência** — Tem trabalhado activamente esta benemérita comissão que elegeu, de entre os seus membros, a seguinte gerência: Presidente — D. Quintina do Carmo Sales e Silva; Secretário — D. Cecilia de Sousa; Tesoureiro — D. Amélia Grilo.

Na sua última reunião foi resolvido encetar já os preparativos para a festa de beneficência a realizar no Natal em favor das crianças pobres, fazendo um apêlo a todos os nossos Confrades para concorrerem com alguns donativos. Para êsse fim já foi recebido um generoso donativo de mil escudos (1.000\$00) dum confrade de Moçambique que subscreve com as iniciais S. N.

A todos pedimos o seu valioso concurso nesta santa cruzada de bem-fazer.

**Conferências doutrinárias e sessões experimentais na sede da F. E. P.** — Na sede da F. E. P. realizaram-se nos dois últimos meses as seguintes conferências doutrinárias e sessões experimentais :

**Agosto :**

Dia 4 — Sessão experimental. Director: D. Maria O'Neill; médiuns: J. P. L.

Dia 11 — Sob a presidência do sr. Aires Vaz Raposo realizou-se a conferência « *Factos Supranormais e hipóteses explicativas* » — António L. Vilela.

Dia 18 — Sessão experimental. Director: Dr. António J. Freire; médium: J. P. L.

Dia 25 — Sob a presidência do sr. Coronel José Augusto Faure da Rosa realizou-se

a conferência « *Fenómenos Espíritos* », — D. Maria O'Neill.

Por deliberação da Direcção foram suspensos os trabalhos experimentais e sessões doutrinárias até ao dia 20 de Outubro.

**Visitante ilustre** — Após uma excursão a vários países da América e da Europa esteve entre nós o distinto Confrade sr. João Lourenço de Sousa que há cêrca de 20 anos foi, durante muito tempo, secretário e bibliotecário da Federação Espirita Brasileira. Foi então que traduziu para português algumas obras de autores consagrados como o « *Porquê da Vida* » e « *Depois da Morte* » de Léon Denis, cuja primeira edição foi feita em Lisboa; « *Psiquismo Experimental* », Alfred Ervy; « *Um caso de Desmaterialização* », de Aksakof; « *A Sugestão Mental* » do Dr. Ochorowicz. Por sua iniciativa foram traduzidas ainda outras obras com as quais começou a Livraria da F. E. B., de que é o fundador.

A êste nosso Confrade se deve também a obtenção dos direitos de tradução portuguesa de várias obras espíritas inclusivamente as de Allan Kardec.

Segundô sempre com o maior interêsse os progressos do Espiritismo em Portugal, êste nosso dedicadissimo Confrade teve a gentileza de nos visitar no próprio dia da sua chegada, demonstrando de então para cá, em amiudadas visitas que nos enchem de gratidão, o seu alto aprêço pela obra da F. E. P. Ao tomar conhecimento da resolução adoptada de construir uma sede própria, cujo plano apreciou devidamente, teve um lindo gesto de generosidade que muito nos sensibilizou e pelo qual lhe estamos profundamente gratos. Tirando do dedo um valioso anel com um lindissimo brilhante, ofereceu-o à Direcção em termos gentilissimos que nos desvanecem em extremo, para ser vendido em favor da subscrição Pró-sede.

A êste nosso dedicado Confrade com os protestos do nosso mais vivo reconhecimento o desejo duma feliz viagem de regresso.

**Recenseamento Espirita Alentejano** — Está concluido o recenseamento espirita Alentejo feito por intermédio do jornal « *Voç do Além* » órgão do Centro Espirita « *Reflexos da Verdade* », de Beja. E' um trabalho que muito honra êste Centro pelo esforço que representa constituindo a base indispensável ao estreitamento de relações entre os espíritas daquela provincia. Esta primeira tentativa de recenseamento é necessariamente deficiente, mas, como a inscrição continua aberta, ir-se-há aperfeiçoando constantemente.

Esperamos que se realizará brevemente

o 1.º Congresso Espirita Alentejano que lançará as bases da União Espirita Alentejana.

**Centro Espirita «Luz» de Coimbra** —

Têm continuado a realizar-se neste Centro importantes conferências doutrinárias com grande assistência de sócios e convidados. As últimas conferências ali realizadas obedeceram aos seguintes temas:

«O Materialismo e o Espiritismo completam-se» — Dr. A. Pratas.

«Quais as virtudes que deve possuir um bom Espirita» — A. Lameiras.

«Qual deverá ser a atitude dos Espiritas perante os seus adversários ou detractores?» — Dr. A. Pratas.

**Centro Espirita de Leiria** — Tem produzido a melhor impressão em Leiria as sessões públicas que mensalmente se realizam no Centro Espirita, durante as quais se tem obtido comunicações do mais alto valor moral. A assistência tem aumentado consideravelmente, mantendo-se, apesar disso, um ambiente de elevada espiritualidade indispensável ao bom êxito dos trabalhos práticos de espiritismo.

**Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas** — Com uma actividade e uma dedicação digna dos mais justos elogios este importante núcleo espirita do Porto tem intensificado duma maneira admirável a propaganda do espiritismo no norte do país.

A seu convite e como enviada da F. E. P. parte brevemente para o norte, em viagem de propaganda, a nossa ilustre Confrade Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria O'Neill.

**Conferência de Propaganda Espirita**

— E' com grato prazer que registamos hoje a gentil apreciação que o importante diário do Porto «*Jornal de Notícias*» faz da conferência que o sr. Dr. António J. Freire realizou naquela cidade por iniciativa da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas:

**UMA CONFERENCIA SOBRE ESPIRITISMO** — Realizou-a o Dr. António Freire sendo muito aplaudido — A conferência espirita, ontem realizada no Centro Commercial do Porto, pelo sr. dr. António Freire, médico distinto de Lisboa, foi uma revelação, a que assistiram, num silêncio profundo, muitas centenas de pessoas. Presidiu o sr. dr. Leonardo Coimbra, secretariado pelos srs. drs. Amílcar de Sousa e Angelo Medina.

O sr. dr. Leonardo Coimbra, naquela linguagem fácil e elevada que lhe conhecemos, faz a apresentação do conferente, frisando que se encontra na sala, não por ser um convertido, um iniciado, um degladiador da causa, mas simplesmente por simpatizar com o estudo e com os que estudam, particularmente, com o dr. António Freire, a quem confessa sincera-

mente votar uma admiração sem reservas.

O conferente agradece demoradamente, dissertando depois sobre as facetas brilhantes do talento do presidente e, depois, em palavras firmes e de uma convicção admirável, inicia a sua conferência. Fala primeiro do corpo, salientando a matéria física, as suas divisões e complexidades, chegando sem esforço, com naturalidade, às regiões intelectuais — a alma e os seus complexos mecanismos. Depois de citar os trabalhos, já suficientemente comprovados, de William Crookes, Fugairon, de Rochas e outros cientistas que teem dado a esta sciência, em embrião, o mais precioso do seu esforço, o ilustre conferente faz a comparação entre os conhecimentos dos antigos e os estudos dos modernos.

O dr. António Freire tem palavras arrebatedoras ao estabelecer uma comparação que salienta a superioridade dos nossos avós, a-pesar-do seu empirismo, a-pesar-de carcerem de teorias técnicas e científicas que possuem os sábios de hoje e que, afirma num brado cheio de entusiasmo, são também as suas peias.

«Os antigos, nas suas investigações psíquicas, partiam das causas para os efeitos: os modernos, partem dos efeitos para as causas».

Sintetizando: «os antigos querendo, podiam obter certos efeitos que se confundiam com milagres; os modernos, limitam-se a registar factos cujas causas, em regra, não estabelecem».

Deduz-se das palavras do sr. dr. António Freire que a sciência psíquica está muito mais atrasada hoje do que outrora.

Uma frase: «Os antigos não conheciam a electricidade; mas pondo em acção o mecanismo da sua vontade podiam produzir fenómenos tão poderosos — mesmo mais poderosos do que os fenómenos eléctricos de hoje».

O conferente cita, a propósito da potencialidade do pensamento, o facto de alguns ocultistas egipcios terem produzido raios e, com eles, fulminado os invasores que pretendiam profanar os seus templos. Conclui por demonstrar que o espiritismo será, num futuro próximo, tão compreensível como qualquer fenómeno físico-químico. Não o é já, porque a maior parte dos cientistas preferem combater o que ignoram, a estudar o que desconhecem. «Elites que teem um pensamento, que são escravos de uma ideia que não querem modificar».

O espiritismo, afirma, explica toda a série de fenómenos que no século em que vivemos continuam sem explicação.

Muitas palmas.  
«A alma existe. Só os intellectualmente cegos a não podem ver».

E, após uma larga dissertação sobre

as investigações científicas de diversos sábios de nome, continua com calor :

*Pode atribuir-se à hereditariedade o terem uns nascido pobres e outros ricos; uns aleijados e outros são; uns que chafurdam no crime o outros que só vivem a virtude? Não! Mil vezes não!*

— *As razões são outras, muito outras, mesmo, que nem a religião nem as sciências rígidas nos podem explicar. Só os estudos psíquicos, só os altos conhecimentos espiritas nos podem conduzir à causa de tão extraordinários efeitos. Estudemos, pois, os fenómenos espiritas e não discutamos inconscientemente uma sciência que não conhecemos e que, por impulso do meio ambiente e para aparentar de «espírito forte», preferimos negar com pomposas definições da tecnologia físico-química, que nem sempre atingem a verdade».*

*Após a douta conferência, o sr. dr. Leonardo Coimbra encerra a sessão, afirmando mais uma vez que se encontra ali por simpatia e não por ter aderido à mesma comunhão de ideias».*

**Novas gerências** — Elegeram ultimamente os seus novos corpos gerentes e tiveram a gentileza de nos comunicar a sua constituição as seguintes colectividades espiritualistas :

*Federação Espirita «Riograndense do Norte»* — Rio Grande do Norte (Brasil);  
*Grupo «União Espirita»* — Maceió (Brasil);

*Grupo Espirita «Luiz Gonzaga»* — Pará (Brasil);

*Tattwa (Padre António Vietra)* — Pará (Brasil).

As nossas fraternais saudações.

**Jornal Espirita** — Completou em Setembro findo mais um glorioso aniversário este interessante jornal que ocupa um lugar de especial relêvo na imprensa espirita do Brasil. O alto conceito em que é tido deve-o sem dúvida ao real valor dos artigos que insere e à sua cuidada apresentação gráfica.

As nossas felicitações e sinceros desejos de longa vida.

**Transcrições** — Continuam a honrar-nos com as suas transcrições alguns colegas da imprensa estrangeira como sejam a «*Revista Internacional do Espiritismo*» de Mattão; «*O Pensamento*», órgão do Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento, de S. Paulo; «*A Aurora*», de Rio de Janeiro; «*Luz e Verdade*», de Lavras (Minas); «*A Luz*», de Maceió; «*Alma e Coração*», de Belem, Pará. Também a imprensa profana nos tem honrado com as suas transcrições especialmente os importantes jornais Maranhenses «*Pacotilha*», «*O*

*Imparcial*» e «*O Combate*» a quem devemos as mais gentis referências.

Os nossos agradecimentos.

**Uma significativa demonstração de solidariedade** — A Federação Espirita Espanhola que tão nobres exemplos de solidariedade tem dado como ainda não há muito succedeu abrindo uma larga subscrição a favor dos sinistrados de Pôrto Rico, num lindo e espontâneo gesto de confraternização, quis dar também o seu generoso concurso à subscrição Pró-Sede da F. E. P. o que teve a gentileza de comunicar-nos na seguinte carta dirigida ao Presidente da F. E. P. :

*«O Directório da F. E. E. examinou com o maior prazer as referências que essa Federação irmã fornece, por intermédio do seu órgão oficial, sobre a obra que está realizando, as importantes adesões que tem obtido e os progressos que, na generalidade, a acção federativa tem conseguido nessa nação irmã; e tomou a deliberação de felicitar cordialmente por tais resultados os irmãos qua dirigem esse organismo e que, sem dúvida, contribuem para o seu êxito com as suas iniciativas e desvelos.*

*Ao mesmo tempo resolveu felicitá-los pelo esforço realizado para a construção de edificio próprio, sede dessa Federação, resolvendo por sua parte contribuir para a subscrição aberta, com um pequeno donativo de 500\$00.*

*Lamentamos que a situação do nosso tesouro não nos permita a doação duma cifra mais avultada; porém não queremos privar-nos, por isso, da satisfação de que o nosso nome figure entre os modestos contribuintes e de que a Federação espanhola tenha a sua parte na realização deste louvável projecto. Porque, se é bem pequena quanto à cifra, é grande em entusiasmo e dedicação, assim como na expressão de fraternidade que este donativo lhes leva.*

*Queiram aceitar, queridos irmãos, o incluso cheque, com as afectuosas saudações da*

FEDERAÇÃO ESPIRITA ESPANHOLA

O Presidente                      O Secretário Geral  
*Prof. Asmara*                      *Jean Torres Serra*

A Federação Espirita Portuguesa, profundamente reconhecida com tão gentil prova de amizade e confraternização, pediu ao seu 1.º Vice-Presidente, em viagem em Espanha, o obséquio de apresentar pessoalmente à Direcção da F. E. E. a expressão do seu gratíssimo reconhecimento.

**O Espiritismo no Brasil** — Inaugurou-se no dia 14 de Julho findo, em S. Paulo, o *Liceu Espirita Brasileiro* de que é director o nosso ilustre Confrade sr. Joaquim Alonso do Amaral.

— O *Centro Espirita Friburguense* inaugurou também no dia 14 de Julho o *Abriço*

*Amor a Jesus* para a vèllice desamparada.

— Nesta mesma data foi inaugurado o *Instituto de Protecção à Infância* com sede no Rio de Janeiro e cuja iniciativa se deve à alta benemerência do sr. Dr. Moncorvo Filho.

— Na escola primária «*Caminheiros do Bem*» estão inscritos 229 alunos.

— A imprensa espírita brasileira foi aumentada de dois novos jornais: «*Correio do Invisível*» do Rio de Janeiro e «*Lumen*» de

Maceió, Alagoas, ambos êles se apresentando com colaboração variada e agradável aspecto gráfico.

— A imprensa espírita de Maceió presta sentida homenagem ao espírito de João Lício de Almeida Marques pelo 2.º aniversário da sua desincarnação.

— Tabalha-se activamente para a organização do 2.º Congresso Espírita de Alagoas que deve reunir nesta cidade de 3 a 13 de Outubro corrente.

## Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para construção de edificio próprio)

### Transporte — 105.402\$10.

*Rio de Janeiro*: Manuel Gomes Natário — 50\$00; «*Aurora*» (Jornal) — 500\$00; José Ferreira — 500\$; Grupo Espírita «*Sebastião*» — 87\$60; Teodoro de Sousa — 140\$70; *S. Paulo*: Joaquim da Silva Marques — 100\$00; António Olivio Rodrigues — 1.128\$00; *Jaguarão*: Centro Espírita «*Jesus*» — 400\$00; D. Clementina Sacavem — 300\$00; Dr. Vitor Sacavem — 500\$00; *Belem — Pará*: João da Rocha Fernandes — 300\$00. *Cabo Verde. (Ilha Brava)*: Eugénio Tavares — 600\$00; *Moçambique*: Um confrade de Moçambique — 500\$00; *Macau*: Manuel Inácio de Resende — 216\$40; Evaristo Luciano — 1.000\$00; *Lisboa*: Ilídio Santos — 20\$00; A. G. — 2\$50; António Mendes da Silva — 50\$00; D. Ermelinda de Jesus — 10\$00; *Pôrto*: Manuel José Teixeira, 15\$00; Manuel Antunes dos Santos — 500\$00; *Vila Verde de Ficalho*: Teofilo Graça de Oliveira — 20\$00; *Portel*: Joaquim Palma e Costa — 250\$00; *Beja*: José Zarco Júnior — 100\$00; António Manuel Valente — 10\$00; José Cardoso Esteves — 5\$00; Luiz Domingues da Piedade Gomes — 50\$00; João António Valdez — 5\$00; Afonso José das Fontes — 5\$00; *Albernoa*: José Francisco Graça — 5\$00; *Beringel*: D. Maria José Lampreia Ferro — 5\$00; *Cuba*: António Afonso Palma — 5\$00; Plácido José Fernandes — 5\$00; José Francisco Costa — 5\$00; *Santarém*: Grupo Espírita «*Luz e Amor para os Filhos do Senhor*» — 250\$00; *Verdemilho (Aveiro)*: Amadeu Tavares da Silva — 100\$00; *Alcochete*: D. Maria Rosa — 10\$00; *Santa Bárbara de Nexe*: Joaquim A. Rafael e sua Esposa — 100\$00; *Avanca*: João da Silva Borges — 100\$00; *Cabaços (Moimenta da Beira)*: António Joaquim Gomes — 25\$00; *Olhão*: Grupo Espírita «*Luz e Beneficência*» — 160\$00; *Castro Verde*: Júlio Alberto da Silva Chaves 100\$00; *Leiria*: João Moita — 25\$00; *Silves*: Centro Espírita «*Fé e Amor*» — 107\$50; *Loivo (Vila Nova de Cerqueira)*: João da Cruz Sobral e Joaquim Martins Gonçalves — 40\$00. **SOMA 113.609\$80.**

### Quantias subscritas num montante indeterminado

*Lisboa*: V. S. — Prestações mensais de 25\$00; por tempo indeterminado.

## Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

Firmino da Assunção Teixeira — Póvoa de Varzim — 400\$00; J. C. V. — Estoril — 200\$00; Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — 100\$00; Centro Espírita Mourense — 60\$00.